



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

Luiza Sanmartin Perez Leon Haddad

CAMINHOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MANUFATURADOS PARA O  
MERCADO NORTE-AMERICANO À LUZ DA ASCENSÃO CHINESA: UMA ANÁLISE  
DO PERÍODO (2000-2019)

Rio de Janeiro

2022

Luiza Sanmartin Perez Leon Haddad

CAMINHOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MANUFATURADOS PARA O  
MERCADO NORTE-AMERICANO À LUZ DA ASCENSÃO CHINESA: UMA ANÁLISE  
DO PERÍODO (2000-2019)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Economia da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro como exigência para  
a obtenção do título de Bacharela em Ciências  
Econômicas.

Orientador: Prof. Rodrigo Vergnhanini

Rio de Janeiro

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

HHH126 Haddad, Luiza Sanmartin Perez Leon  
cc CAMINHOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE  
MANUFATURADOS PARA O MERCADO NORTE-AMERICANO À LUZ  
DA ASCENSÃO CHINESA: UMA ANÁLISE DO PERÍODO (2000  
2019) / Luiza Sanmartin Perez Leon Haddad. -- Rio  
de Janeiro, 2022.  
54 f.

Orientador: Rodrigo Vergnhanini.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto  
de Economia, Bacharel em Ciências Econômicas, 2022.

1. Comércio internacional. 2. Exportações de  
manufaturados. 3. Mercado norte-americano. 4.  
China. I. Vergnhanini, Rodrigo, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

LUIZA SANMARTIN PEREZ LEON HADDAD

CAMINHOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MANUFATURADOS PARA O  
MERCADO NORTE-AMERICANO À LUZ DA ASCENSÃO CHINESA: UMA ANÁLISE  
DO PERÍODO (2000-2019)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Instituto de Economia da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, como requisito para a  
obtenção do título de Bacharela em Ciências  
Econômicas.

Rio de Janeiro, 5/9/2022.

---

RODRIGO VERGNHANINI - Presidente  
Professor Dr. do Instituto de Economia da UFRJ

---

KAIO GLAUBER VITAL DA COSTA  
Professor Dr. do Instituto de Economia da UFRJ

---

SIMONE FIORITTI SILVA  
Professora Dra. do Instituto de Economia da UFRJ

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família. Aos meus pais, Silvia e Ricardo, que sempre me deram muito amor, carinho e conforto e me proveram com o melhor que sempre puderam oferecer, além de cultivarem em mim desde pequena a importância da dedicação, do estudo e da ambição. Aos meus irmãos, Gabriela e Ricardo, que tornam a jornada sempre mais divertida e mais leve e me ensinam todos os dias a ser uma versão melhor de mim mesma. Tudo que sou hoje devo a vocês, que estiveram e vão estar comigo ao longo de toda a minha trajetória.

Minha família, em especial meus pais, foram responsáveis, também, por me encorajar e incentivar a buscar o meu ensino superior em uma universidade pública, e ainda bem que fizeram isso. Impossível não ser eternamente grata à Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto de Economia da UFRJ. Nos últimos 4 anos e meio, fui extremamente feliz por viver a experiência que é ser aluna da UFRJ. Sou muito grata a cada professor, aula ministrada, conversas nos corredores do IE, lanches no Sujinho, tardes e noites no DCE e até pelas (várias) noites viradas estudando para as provas. Aqui, não posso deixar de agradecer aos amigos que me acompanharam durante toda a graduação, nos sofrimentos e alegrias: Duda Coelho, Duda Knupfer, Duda Rabelo, Júlia Sant'anna, Giullia, Israel, Kaue, sem vocês teria sido muito mais difícil.

Mais do que a excelência técnica proporcionada pela UFRJ, também fiz questão de vivenciar as demais experiências que nossa instituição proporciona, passando pela Ayra Consultoria – Empresa Jr da UFRJ, em que pude vivenciar um ano de muito aprendizado, momentos especiais, novos amigos, além de me encontrar em termos de carreira, sendo apresentada à área que depois resolvi seguir: Consultoria Estratégica.

Grande parte da minha experiência única e diferenciada na UFRJ, entretanto, deve-se à Atlética. Lá, pude passar boa parte da minha graduação: foram um pouco mais de 3 anos fazendo parte da organização, e hoje posso dizer que a Atlética e o esporte me apresentaram a grandes amigos que vou levar para a vida, me proporcionaram momentos que jamais vou esquecer e me ensinaram coisas que nunca aprenderia em sala de aula. Aqui, agradeço aos inúmeros amigos que fiz na Atlética de Finanças da UFRJ (antes de Economia). Foi incrível vivenciar isso tudo com cada um que fez parte dessa trajetória, e me despedir de vocês é, inclusive, uma das partes mais dolorosas desse fim de ciclo.

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos do Colégio Marista São José, em especial, Barbara, Juliana, Luíza, Nathalia e Tatiana, vocês são as melhores amigas que eu

poderia pedir, obrigada por serem minha segunda família há mais de 10 anos e por estarem sempre comigo. Sem vocês, não sei se teria aguentado sequer o fardo de prestar vestibular para a UFRJ. Ao meu namorado Felipe, obrigada por todo o companheirismo e apoio, pelas várias noites e fins de semana que você me fez companhia enquanto eu concluía essa monografia e por tornar tudo tão mais fácil. Por último, muito obrigada ao meu orientador, Rodrigo Vergnhanini, por ter acreditado em mim e nesse trabalho, por sua disponibilidade e todo o suporte oferecido.

## RESUMO

Esse trabalho analisa a trajetória das exportações brasileiras de manufaturados para o mercado norte-americano entre 2000 e 2019, investigando como essa foi impactada pela emergência da China no comércio internacional. A hipótese que orienta a pesquisa é de que houve uma perda de espaço dos bens manufaturados brasileiros naquele mercado, a qual esteve associada à concorrência com os produtos chineses. Para isso, são revisados aspectos teóricos da literatura sobre a importância das exportações de manufaturados para a economia de um país, a fim de demonstrar a relevância do tema. Em seguida, é realizada uma revisão da literatura para mapear os principais pontos observados em relação à ascensão da China no contexto internacional, analisando seus impactos sobre a inserção externa comercial da América Latina; assim como, de forma mais específica, sobre as vendas de manufaturas do Brasil para terceiros mercados, em especial os EUA. Por fim, é realizada a análise de dados e indicadores que comparam as exportações brasileiras de manufaturados para os EUA com as chinesas, visando identificar sinais de ameaça concorrencial. Em linhas gerais, o efeito negativo chinês ressaltado pela literatura sobre as exportações de manufaturas do Brasil parece ser comprovado pelos resultados apresentados pelos dados: de fato, ao longo do período analisado, as exportações brasileiras desses bens perderam espaço no mercado norte-americano, paralelamente ao aumento do *market share* chinês. Apesar de o ano de 2019 parecer apontar para sinais de redução dessa ameaça chinesa, é possível observar que o período analisado contemplou um Brasil que não foi capaz de desenvolver e impulsionar o crescimento das suas exportações para o seu maior mercado de manufaturas da mesma forma que a China conseguiu.

**Palavras-chave: comércio internacional; exportações de manufaturados; mercado norte-americano; China.**

## **ABSTRACT**

This work analyzes the performance of the Brazilian manufactured exports in the USA market in the years 2000-2019, investigating how it was impacted by the emergence of China in international trade. The hypothesis that guides the research is that there was loss of market share for Brazilian manufactured goods in their biggest market, the United States, which was associated with Chinese competition. For this purpose, theoretical aspects of the literature on the importance of exports of manufactured goods for the economy of a country are reviewed, in order to demonstrate the relevance of the theme. Then, a literature review is carried out to identify the key points concerning the emergence of China, analyzing its impacts on Latin America's external trade insertion; as well as, more specifically, on Brazil's manufacturing sales to third markets, especially the US. Finally, some data and indicators are analyzed in order to compare the performance of the Brazilian manufactured exports to the US with Chinese exports, and possibly identify signs of competitive threat. In general terms, the negative Chinese effect highlighted by the literature on exports of manufactures from Brazil seems to be confirmed by the analysis: between 2000 and 2019, Brazilian exports of manufactures lost market share in the US market parallel to the increase in Chinese market share. Although the year 2019 seems to indicate a reduction of the Chinese competitive threat, it is possible to observe that the analyzed period comprises a Brazil that was not able to develop and boost the growth of its manufactured exports to its biggest market in the same way that China managed to.

**Keywords: international trade; US market; manufactured exports; China.**



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Índice de crescimento (base 100 = 2016) do preço das commodities (2000-2019).....	24
Gráfico 2: Índice de crescimento (base 100 = 2000) do valor arrecadado (US\$) com as exportações brasileiras (gerias, de não manufaturados e de manufaturados) (2000-2019) .	31
Gráfico 3: Índices de crescimento (base 100 = 2006) de Quantum, Preço e de Crescimento (em US\$) das exportações brasileiras da Indústria de Transformação (2000-2019).....	32
Gráfico 4: Participação (%) do valor arrecadado em US\$ com as exportações de manufaturados brasileiras sobre o total de exportações brasileiras (2000-2019).....	33
Gráfico 5: Participação (%) das principais regiões nas exportações brasileiras totais (US\$) (2000-2019) .....	33
Gráfico 6: Participação (%) dos EUA e da China nas exportações brasileiras totais (US\$) (2000-2019) .....	34
Gráfico 7: Participação (%) dos EUA e da China nas exportações brasileiras de manufaturados (US\$) (2000-2019).....	35
Gráfico 8: <i>Market share</i> (%) do Brasil e China no valor total (US\$) destinado a importações de manufaturados pelos EUA (2000-2019) .....	36
Gráfico 9: Índice de crescimento (base 2000 = 100) do valor importado (US\$) pelos EUA de produtos manufaturados provindos do Brasil e China (2000-2019).....	37
Gráfico 10: Indicador de similaridade entre a pauta importadora do Brasil vs China para os EUA .....	40
Gráfico 11: Grau de diversificação das importações dos EUA de produtos manufaturados provindos do Brasil e China.....	41
Figura 2: Participação dos top 10 produtos mais representativos na pauta importadora dos EUA de produtos brasileiros e chineses (%).....	42
Gráfico 12: Percentual de ameaça chinesa aos produtos manufaturados brasileiros importados para os EUA (%) em relação ao ano anterior da amostra, considerando o total de produtos .....	44
Gráfico 13: Percentual de ameaça chinesa aos produtos manufaturados brasileiros importados para os EUA (%) em relação ao ano anterior da amostra, considerando apenas produtos em que <i>market share</i> atingido pela China foi superior a 5%.....	45

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Ranking dos 10 principais destinos das exportações brasileiras de manufaturados em US\$ por país.....	35
Figura 2: Participação dos top 10 produtos mais representativos na pauta importadora dos EUA de produtos brasileiros e chineses (%).....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DA EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS PARA A ECONOMIA DE UM PAÍS .....</b>	<b>11</b>
1.1 Introdução .....	11
1.2 A importância da exportação de manufaturados na visão de Prebisch.....	12
1.3 As Considerações de Medeiros e Serrano .....	14
1.4 Considerações sobre essa importância na experiência brasileira.....	16
<b>CAPÍTULO 2 – AS TRANSFORMAÇÕES NA DINÂMICA INTERNACIONAL COM A EMERGÊNCIA DA CHINA SEGUNDO A LITERATURA.....</b>	<b>18</b>
2.1 Introdução .....	18
2.2 A emergência chinesa .....	18
2.3 Os efeitos da expansão chinesa na dinâmica internacional.....	21
2.4 Os impactos na América Latina e Brasil.....	22
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS SOBRE AS MUDANÇAS NA EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS DO BRASIL PARA OS EUA AO LONGO DO PERÍODO 2000-2019.....</b>	<b>30</b>
3.1 Introdução .....	30
3.2 A trajetória de manufaturados brasileira <i>versus</i> a chinesa.....	30
3.3 A metodologia.....	38
3.4 Análise de similaridade e grau de diversificação das importações norte-americanas provindas do Brasil e China.....	39
3.5 Evolução do <i>market share</i> Brasil x China para os EUA .....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

O crescimento expressivo da economia chinesa nas décadas recentes tem sido um fenômeno amplamente ressaltado na economia mundial. A China tem se mantido, desde o final da década de 1970, com as maiores taxas de crescimento do produto interno bruto (PIB) no mundo, e vem exercendo impactos cada vez mais significativos no cenário internacional. Sua expansão acelerada fez com que, já em 2011, o país fosse responsável por mais de 15% do PIB mundial medido em poder de paridade de compra, e um dos efeitos mais relevantes dessa expansão se deu no comércio global. Em 2011, a China já era responsável por 10% do comércio do mundo, com suas exportações crescendo a taxas expressivas, e a inserção externa do país asiático enquanto forte exportador de manufaturados e importador de recursos básicos transformou a dinâmica internacional (SARTI; HIRATUKA, 2009; CUNHA; LELIS; BICHARA, 2012).

A emergência da China ocasionou uma série de efeitos diretos e indiretos sobre os demais países, em especial no comércio internacional, seja criando oportunidades ou proporcionando novos desafios. No caso da América do Sul, após diversas políticas visando enfrentar problemas relacionados à restrição externa, os países passam a enfrentar a partir dos anos 2000 um período de alívio. A forte demanda do país asiático por bens primários e o *boom* no preço das *commodities* inauguraram um novo período econômico aos países sul-americanos. No caso do Brasil não foi diferente: a partir de 2003, o desempenho da balança comercial brasileira torna-se extremamente vinculada ao crescimento econômico e da demanda externa da China (IEDI, Edição 769, 2017). Entretanto, ao passo que a China impulsionava países produtores de bens primários através da sua alta demanda por produtos básicos, também impunha obstáculos àqueles que concorriam na indústria, ao se posicionar como forte concorrente no mercado de manufaturados (MEDEIROS; CINTRA, 2015).

O Brasil, sendo um grande produtor e exportador de bens primários, mas, também, de manufaturas, experimentou efeitos antagônicos da despontada chinesa. Por um lado, o extenso mercado interno e a industrialização crescente da China propiciavam uma demanda crescente do país por recursos básicos, estimulando as exportações brasileiras por dois caminhos: de maneira direta – através da própria demanda do país asiático por bens primários – e de forma indireta – principalmente pela elevação da capacidade de importar de países como latino-americanos exportadores de *commodities*.

Apesar disso, por outro lado, a inserção da China enquanto forte exportador de manufaturas para o mundo parece ter afetado negativamente a exportação brasileira desses bens, indicando uma dificuldade em concorrer com as vantagens competitivas apresentadas

pelos produtos chineses. Principalmente após a crise de 2008, com a estratégia chinesa de diversificação de seu mercado para as periferias, há indícios que tais efeitos negativos da concorrência chinesa parecem ter começado a se sobrepor (PINTO; CINTRA, 2013).

Tal questão parece ainda mais relevante ao considerar o principal mercado de manufaturados brasileiro, os Estados Unidos. Apesar de os EUA terem mantido sua posição de principal destino das manufaturas brasileiras nos últimos 20 anos, as análises da CEPAL (2021) indicam que o *market share* brasileiro nas importações totais dos EUA entre 2002-2008 teve ligeira queda, enquanto, no mesmo período, a China praticamente dobrou a sua participação no total das importações desse país. Após a crise de 2008, por sua vez, de fato parece haver uma piora: de 2008-2012, enquanto as exportações chinesas para o Nafta (*North American Free Trade Agreement* ou Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio) crescem 9%, as exportações brasileiras sofrem um recuo de 0,2% (IEDI, Edição 590, 2013).

O cenário atual, inclusive, não é menos preocupante: a indústria brasileira continua perdendo mercado no comércio mundial. Dados mais recentes da OMC indicam que o Brasil caiu da 32ª para a 34ª posição no ranking mundial dos maiores exportadores de manufaturas entre 2018 e 2019, e muito disso parece estar associado a dificuldade de superar os *gaps* internos a fim de conseguir enfrentar a concorrência (IEDI, Edição 1058, 2021).

Nesse sentido, esse trabalho realiza uma análise da trajetória das exportações de manufaturados brasileiros para o mercado norte-americano no período 2000-2019, entendendo como esta foi impactada pela emergência da China no comércio internacional. A hipótese que orienta a pesquisa é de que houve um enfraquecimento do ritmo das exportações de bens manufaturados brasileiros para seu maior mercado de manufaturas, os Estados Unidos, que esteve associado à concorrência com os produtos chineses.

Para responder essa questão, a metodologia utilizada compreenderá aspectos qualitativos e quantitativos sobre o tema. No primeiro capítulo, são revisados aspectos teóricos sobre a importância das exportações de manufaturados para a economia de um país, a fim de apresentar uma perspectiva da relevância do tema. O segundo capítulo apresenta uma revisão da literatura para mapear os principais pontos observados em relação à ascensão da China no contexto internacional, analisando seus impactos sobre a inserção externa comercial da América Latina; assim como, de forma mais específica, sobre as vendas de manufaturas do Brasil para terceiros mercados, em especial os EUA.

Por fim, no terceiro capítulo é apresentada uma análise de dados e indicadores que comparam as exportações brasileiras de manufaturados para os EUA com as chinesas, visando identificar sinais de ameaça. Em linhas gerais, serão construídos os seguintes indicadores: a)

índice de similaridade da estrutura de importação de manufaturados dos EUA de produtos oriundos da China e Brasil; b) grau de diversificação das importações de manufaturados dos EUA de produtos oriundos do Brasil e China e c) evolução do *market share* dos dois países nas importações de manufaturados dos EUA. A base de dados utilizada é a *Comtrade*. As análises realizadas no terceiro capítulo, combinadas com as evidências destacadas pela literatura irão apoiar reforçando ou enfraquecendo a hipótese do estudo.

## **CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DA EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS PARA A ECONOMIA DE UM PAÍS**

### **1.1 Introdução**

Conforme citado anteriormente, o objetivo do presente trabalho é analisar a trajetória de exportação de manufaturados do Brasil à luz da ameaça chinesa, em especial se tratando das exportações com destino aos Estados Unidos. Antes de se debruçar sobre as transformações ocasionadas pela emergência chinesa e as possíveis ameaças que representou para o Brasil, é preciso entender a relevância da exportação de manufaturados para a economia de um país.

As exportações apresentam uma dimensão macroeconômica dupla – de um lado, são um componente autônomo da demanda agregada; de outro, geram as divisas necessárias para pagamentos externos. Apesar de ambas serem essenciais para sustentar o crescimento econômico no longo prazo, autores como Medeiros (2016) defendem que o primeiro aspecto possui efeitos e particularidades distintas para cada nação – dada a representatividade que o valor exportado possui sobre o PIB na região –; enquanto o segundo tem importância fundamental para todos os países, já que diz respeito à capacidade de obter os recursos imprescindíveis para o desenvolvimento.

Entretanto, está longe de existir um consenso na literatura sobre o tema. Há diversos autores que apresentam formulações teóricas diferenciadas no que diz respeito à importância das exportações e, mais especificamente, das exportações de manufaturados para o país. Autores como Prebisch, por exemplo, compartilham da afirmação acima de que o crescimento das exportações é fator essencial para garantir um crescimento econômico sustentado. Por outro lado, o Banco Mundial e sua visão neoclássica do crescimento puxado pelas exportações, defendem que o mais importante não seria o papel das exportações em si, mas sim do grau de abertura externa e da neutralidade de incentivos como tarifas e taxa de câmbio, os quais podem gerar uma alocação mais eficiente de recursos (MEDEIROS; SERRANO, 2001).

Ao aprofundar a discussão da importância das exportações, é nítido o papel de destaque que os produtos manufaturados possuem na tradição estruturalista, em especial por características econômicas que esses produtos possuem em comparação com os básicos. Nesta seção, será resgatada a teoria seminal desenvolvida por Prebisch (1949) e, em seguida, serão apresentados alguns argumentos presentes em Medeiros e Serrano (2001), ambas com o objetivo de sustentar a argumentação da importância das exportações, em especial, de

manufaturados, para a expansão da economia de um país. O ponto central que será defendido é justamente a visão que está em linha com a defendida por Medeiros (2016) citada anteriormente: o papel dessas exportações enquanto componente de demanda agregada realmente varia conforme uma série de características estruturais de cada nação, mas, por outro lado, o papel dessas exportações no financiamento e relaxamento da restrição externa ao crescimento é absolutamente central e estratégico para todos os países.

## **1.2 A importância da exportação de manufaturados na visão de Prebisch**

Prebisch (1949) parte, em sua teoria, do resgate do arranjo da divisão internacional do trabalho em que a América Latina possuía um papel de fornecedora de produtos primários com baixo valor agregado para os grandes centros manufatureiros, sem possuir grande espaço, a princípio, para industrializar-se, enquanto os países centrais seriam líderes em inovação, exportando produtos industrializados de maior valor agregado e tecnologia. Segundo a visão do autor, as guerras mundiais e a crise econômica que intercedeu as disputas, foram alguns momentos decisivos para abrir o caminho da industrialização para esses países, incentivando algumas mudanças nas estratégias das nações latino-americanas.

A divisão internacional do trabalho é baseada em uma premissa importante, resgatada pelo autor, a qual defende que o fruto progresso técnico tenderá a se distribuir de forma uniforme entre os países, por meio de uma redução dos preços ou elevação da renda, e os países da periferia irão obter parte desse progresso técnico sem que precisem se industrializar. Para Prebisch (1949), tal afirmação é falha: o argentino defende que as vantagens de desenvolvimento e dos ganhos de produtividade não chegam à periferia no mesmo grau em que se apresentam nos países desenvolvidos, o que repercute em grandes diferenças nos padrões de vida da população desses grupos de nações. Esse desequilíbrio justifica a relevância fundamental da industrialização para esses países, uma vez que é o meio que eles dispõem para incorporar o progresso técnico e expandir o padrão de vida da sua população. O caminho para atingir esse estágio, por sua vez, segundo o autor, tem influência importante do comércio exterior. Nas palavras de Prebisch:

“Quanto mais ativo for o comércio exterior da América Latina, maiores serão as possibilidades de aumentar a produtividade de seu trabalho por meio de intensa formação de capital. A solução não é crescer às custas do comércio exterior, mas sim saber extrair, de um comércio exterior cada vez maior, os elementos que impulsionam o desenvolvimento econômico.” (PREBISCH, 1949, p.49)

O ponto central do argumento do autor vai além da industrialização como chave para a incorporação de inovação. Ele sinaliza que há uma diferença forte na elasticidade-renda da



demanda dos produtos primários em comparação aos produtos industriais, que aponta para uma tendência à aceleração nas vendas externas dos produtos de alto valor agregado em comparação com os básicos.

Novamente, nas palavras do autor:

“À medida que a renda real per capita ultrapassa certos níveis mínimos, a demanda de produtos industriais tende a crescer mais do que de alimentos e outros produtos primários. Não obstante, a situação dos países menos desenvolvidos é muito distinta da dos centros, pois estes importam aqueles produtos primários de menor elasticidade-renda da demanda do que a dos artigos industriais que a periferia importa dos centros. Para crescer sua renda real, os países periféricos necessitam importar bens de capital cuja demanda cresce com esta renda ao mesmo tempo em que a elevação do nível de vida se manifesta em intensa demanda de importações de grande elasticidade que tendem a crescer mais do que a renda” (PREBISCH, 1951, p.271)

No longo prazo, essa diferença iria complicar a balança comercial de países como os latino-americanos, caso esses mantivessem a estratégia de exportar produtos primários e importar os manufaturados, traduzindo-se em uma restrição na capacidade de importar dessas nações. Nesse cenário, o país se depararia com alguns possíveis caminhos. Por um lado, há a possibilidade de buscar outras formas de financiamento externo, como dívida externa, atração de investimento direto ou de portfólio, mas que implicariam em um aumento do passivo externo líquido e de remessas de juros, lucros e dividendos, que podem ser um empecilho no médio e longo prazo. Por outro lado, está a adoção de políticas contracionistas, que forçariam uma adequação da quantidade importada à capacidade de importar, resultando em taxas de crescimento inferiores para esses países em comparação àqueles exportadores de manufaturados.

Sendo assim, o autor sustenta o ponto chave que se busca enfatizar nesta seção: os países periféricos precisam se industrializar e expandir suas exportações para produtos com maior elasticidade-renda, uma vez que essa é a melhor saída para permitir que elevem suas taxas de crescimento a níveis competitivos ou maiores que as dos países desenvolvidos de maneira sustentável. Ou seja, é importante que haja tanto uma produção interna de manufaturados quanto uma exportação desses produtos pelos países subdesenvolvidos, já que esse é o melhor meio pelo qual os países conseguirão, de maneira sustentável, aumentar sua capacidade de importar no longo prazo e libertar-se das restrições externas.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Posteriormente, Thirwall propõe um modelo formalizado de *Balance of Payments Constrained Growth (BPC)*, liderado pela demanda e limitado pelo balanço de pagamentos (BP), no qual as exportações constituem o principal componente da demanda autônoma e que definiria a taxa de crescimento do produto compatível com restrições no BP.

### 1.3 As Considerações de Medeiros e Serrano

Medeiros e Serrano (2001) vão enfatizar os argumentos de Prebisch, ressaltando algumas observações essenciais para nossa análise. Segundo os autores, apesar de existirem algumas interpretações controversas da teoria do autor, o argumento geral de Prebisch não depende da validade da formulação de tendência à piora nos termos de troca. Além disso, Prebisch não defende a definição de uma modalidade específica entre modelos orientados para dentro ou para fora no processo de industrialização nacional. Pelo contrário, para o autor argentino, o desenvolvimento econômico deve ser buscado tanto no mercado interno quanto externo: políticas como a substituição de importações sozinhas são insuficientes, devendo acontecer de forma conjunta com a expansão das exportações industriais.

É importante salientar que a substituição de importações foi uma estratégia específica adotada por vários países em desenvolvimento após o período pós-guerra, a qual foi justificada por um contexto em que os países centrais adotavam medidas de proteção de seus mercados agrícolas e os EUA adotavam uma estratégia de exportar produtos primários em larga escala, levando a uma perda de espaço dos países periféricos nesses mercados. Com isso, houve redução da capacidade de importar nos países primário-exportadores, impactando as condições de sustentação do seu crescimento econômico (MEDEIROS; SERRANO, 2001).

Medeiros e Serrano (2001) irão defender, inclusive, que a estratégia de substituição de importações parece esbarrar em limitações no longo prazo. A fase inicial de substituir os bens não duráveis pode até ser mais fácil de executar, mas o cenário não é o mesmo para os bens de capital e duráveis. Isso porque a produção desses bens em geral necessita de bens intermediários não produzidos domesticamente, tornando difícil sustentar uma queda ou estabilidade no coeficiente de importação à medida que a estratégia de substituição avança.

Sendo assim, é reforçada mais uma vez a importância significativa do desenvolvimento de uma indústria de manufaturados para o crescimento econômico dos países em desenvolvimento. Medeiros e Serrano (2001) irão enfatizar, dentre os múltiplos aspectos que envolvem o tema, dois efeitos que são gerados nesses países pelo desenvolvimento da produção interna de manufaturados: o efeito sobre o dinamismo do mercado interno e o impacto sobre a situação da balança de pagamentos.

O primeiro aspecto mencionado está relacionado com o fato de que a implantação de um setor interno de meios de produção irá permitir um maior efeito multiplicador<sup>2</sup> e

---

<sup>2</sup> O efeito multiplicador diz respeito ao efeito gerado quando a variação de um indicador exógeno provoca uma variação de um indicador endógeno, de forma mais que proporcional (DORNBUSCH; FISCHER; STARTZ, 2013). No caso citado, o efeito diz respeito à variação que irá ocorrer sobre o nível de produto da economia

acelerador<sup>3</sup>, elevando o impacto gerado sobre o crescimento da produção e do emprego. Isso porque, em uma economia que é importadora de parcela significativa dos meios de produção, há um vazamento do efeito acelerador para o exterior, sem o estímulo doméstico que é proporcionado quando há um setor doméstico de bens de capital, perdendo, portanto, um potencial de ampliação da extensão e dinamismo do mercado interno.

No que diz respeito ao impacto sobre a balança de pagamentos, como já mencionado anteriormente, os autores sinalizam que aumentar a capacidade de produção interna de bens de capital é fundamental para aliviar a restrição externa, já que permite o controle da propensão marginal a importar mesmo com crescimento da taxa de investimento. Isso indica que, quanto maior o percentual dos meios de produção produzidos domesticamente, menor é a propensão marginal a importar associada a uma taxa de investimento, e isso gera uma folga considerável na situação da balança de pagamentos.

É importante sinalizar que os autores afirmam que o desenvolvimento de uma produção interna de manufaturados é crucial para que um país tenha um crescimento orientado “para dentro” ao invés de “para fora”. Caso não haja um setor de meios de produção desenvolvido, o país terá, praticamente de forma inevitável, um crescimento orientado “para fora”, ou seja, liderado pelas exportações, dada a restrição na capacidade de importar e o baixo dinamismo de seu mercado interno. Por outro lado, os países que se desenvolverem industrialmente, poderão ter um crescimento orientado “para dentro” ou “para fora”, a depender da participação que as exportações ocupam sobre o produto.

Medeiros e Serrano (2001) irão levantar, ainda, uma discussão importante sobre a relevância das exportações em economias orientadas “para dentro”. Segundo eles, a interpretação de alguns autores sobre o caso brasileiro na década de 1960 indica uma subestimação do papel estratégico das exportações de manufaturados. Isso porque, conforme essa interpretação, tendo em vista a diversificação industrial brasileira na balança comercial percebida no período, a pressão sobre as importações só ocorreria em fases expansivas do ciclo de investimento, que seria justamente nas fases em que se aumentava a entrada de

---

com o crescimento do setor interno de meios de produção, em que esse proporcionará estímulos multiplicadores sobre o mercado interno. Isso ocorre porque a implantação de novas indústrias, por exemplo, se traduz em um aumento da demanda na economia por determinados insumos, os produtores de insumos, por sua vez, irão demandar mais mão de obra, e assim por diante.

<sup>3</sup> O efeito acelerador prevê que a taxa de variação da produção é o principal determinante do investimento, dado que uma oscilação nessa taxa de variação da produção irá induzir a uma variação no mesmo sentido na demanda por investimento (DORNBUSCH; FISCHER; STARTZ, 2013). Isso se dá, pois, uma vez que as empresas sentem a necessidade de aumentar a sua capacidade produtiva, irão fazer aumentando o investimento em bens de capital, como equipamentos e tecnologias. O efeito acelerador em conjunto com o multiplicador, nesse contexto, pressupõe que o crescimento da produção interna desses bens irá causar uma elevação nos investimentos gerando efeitos positivos mais do que proporcionais sobre a renda interna.

recursos externos e reduzia-se a saída de divisas, enquanto na reversão do ciclo, o aumento das saídas era acompanhado por uma queda nas importações de bens de capital.

Para Medeiros e Serrano (2001), um dos pontos fundamentais da importância das exportações para o crescimento de um país perpassa pela capacidade de financiamento externo de uma nação e suas possibilidades de crescer incorrendo em déficits em conta corrente. Como já mencionado anteriormente, os autores reforçam que uma trajetória de crescimento com déficit externo possui a grande dificuldade de manter sua sustentabilidade, já que é preciso garantir certo controle sobre os passivos externos para que cresçam de forma controlada e não explosiva. As exportações entram em cena por serem a fonte que permite o pagamento e quitação desse passivo externo; logo, o controle da trajetória do déficit é dado pela evolução da relação entre passivo externo líquido e exportações, em especial, entre o valor da taxa de juros com a qual cresce o passivo externo líquido acumulado e a taxa de crescimento das exportações.

No cenário em que a taxa de crescimento das exportações é menor que essa taxa de juros, a relação “passivo externo / exportações” irá crescer de forma explosiva, mesmo que o déficit seja pequeno, sendo crucial a geração de um superávit para estabilizar esse passivo externo. Nesse cenário, para Medeiros e Serrano (2001), fica clara a importância de garantir a estabilidade dessas nações por meio de uma taxa de crescimento das exportações elevada, contrapondo, portanto, o argumento de que, nas economias orientadas “para dentro”, as exportações não seriam estrategicamente relevantes.

#### **1.4 Considerações sobre a experiência brasileira**

Ao trazer, de maneira breve, a discussão para o caso brasileiro, percebe-se que o panorama do país em meados dos anos 90 corrobora com os argumentos anteriormente citados. Medeiros e Serrano (2001) irão ressaltar que, em meados da década de 90, o Brasil se encontrava em uma situação fortemente deficitária. A valorização da taxa de câmbio real e redução das tarifas que se viu no país na época contribuíram para proporcionar um grande boom das importações – que vinham de uma contração na década anterior, motivada pelo forte protecionismo e, principalmente, pela queda no ritmo de crescimento da economia.

No mesmo período, também foi possível observar um forte movimento de reespecialização produtiva na economia brasileira, em que houve redução na diversificação de sua estrutura de produção, que se tornou mais concentrada em produtos de baixo valor agregado e tecnologia. Tal cenário de aumento no coeficiente de importações, reespecialização produtiva e consequente redução no valor exportado – esse motivado tanto

por questões como as mudanças na estrutura produtiva e na taxa de câmbio – explicaram a atrofia na capacidade exportadora e a passagem do sistema industrial de uma situação externa superavitária para fortemente deficitária.

Com o isso, em 1995, o país se viu com um déficit em transações correntes que pulou para 38% - contra os 3% do ano anterior - e os passivos externos dispararam, sendo parte significativa desses composta pelos capitais de curto prazo, configurando uma maior fragilidade externa do país. Esse cenário contribuiu para ocasionar um baixo crescimento do PIB no período e um acúmulo de passivos de curto prazo que acabou por levar ao *bailout* do FMI em 1999.

Sendo assim, os autores concluem que a assimetria entre o ritmo de crescimento desses passivos externos em relação ao ritmo das exportações constitui um dos principais desafios para um crescimento a longo prazo da economia brasileira. Quando isso se soma à recente reespecialização das nossas exportações na direção de produtos primários em detrimento dos manufaturados, as possibilidades de sustentar um ritmo aceitável de crescimento dos passivos externos tornam-se ainda mais desafiadoras (MEDEIROS; SERRANO, 2001).

Nos capítulos seguintes, entretanto, essa análise aplicada ao caso brasileiro será atualizada para os anos 2000-2019, e será possível perceber mudanças nas exportações de manufaturados e inserção externa do país, a partir do estudo de aspectos como modificações na pauta exportadora, nas taxas de crescimento e na situação dos termos de troca, entre outros.

## **CAPÍTULO 2 – AS TRANSFORMAÇÕES NA DINÂMICA INTERNACIONAL COM A EMERGÊNCIA DA CHINA**

### **2.1 Introdução**

No final da década de 1970, as estratégias empenhadas por Deng Xiaoping marcam a abertura econômica da China com a adoção gradual de mecanismos de mercado à economia do país asiático. As reformas realizadas após esse período implicaram em transformações que deslocaram não só a base da economia chinesa, como também uma série de fluxos comerciais internacionais. A meteórica expansão das exportações, importações e investimentos privados que se viu no país, principalmente após a entrada desse na Organização Mundial do Comércio em 2001, o converteram em um dos principais atores do cenário internacional.

“Seu acelerado crescimento econômico e internacionalização fizeram com que, já em 2011, sua economia contribuísse com mais de 10% do comércio global, 10% do produto interno bruto (PIB) mundial medido em preços de mercado e 15% do PIB mundial medido em poder de paridade de compra. Assumiu, também, posição fundamental nos mercados financeiros internacionais, possuindo mais de US\$ 3 trilhões de reservas internacionais e US\$ 300 bilhões em IDE. Como consequência, o país asiático se transformou no segundo maior credor líquido do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos.” (CUNHA; LELIS; BICHARA, 2012, p. 211)

A consolidação do país na dinâmica internacional foi responsável por gerar efeitos diretos e indiretos sobre diversos países ao redor do mundo, criando uma série de oportunidades, mas gerando também desafios. No caso do Brasil, não é diferente. Ao passo que a China se tornou um parceiro comercial fundamental, o país também gerou efeitos controversos na economia, sendo considerado, em muitos casos, uma ameaça.

Nesse capítulo, portanto, será feita uma revisão da literatura acerca da emergência do país asiático no cenário internacional, analisando como se deu a reorganização da economia mundial a partir dessa ascensão e os impactos positivos e negativos que isso gerou na América Latina e no Brasil.

### **2.2 A emergência chinesa**

As reformas iniciadas por Deng Xiaoping a partir de 1978 tinham o objetivo de inaugurar o processo de transformação da dinâmica econômica chinesa, alterando sua organização de planejamento centralizado com uma política de abertura econômica gradual. Nas décadas subsequentes, foi possível assistir o país asiático transitando de uma economia

planificada para uma economia de mercado com características peculiares, e de uma economia agrícola tradicional para uma economia industrializada (OLIVEIRA, 2005).

Segundo Medeiros (2006), a principal restrição ao crescimento chinês até o momento anterior à abertura econômica vinha sendo o ritmo da expansão de sua produção de bens de consumo, mais especificamente de alimentos. Dado o tamanho da população chinesa e sua baixa renda per capita, percebia-se que, em períodos de crescimento nos investimentos do Estado, a elevação dos salários resultante da expansão econômica gerava um pico na demanda por esses bens. A dificuldade de expansão da capacidade produtiva ocasionava pressões inflacionárias – e até escassez, como se viu em momentos como do ‘Grande Salto Adiante’ no governo de Mao Tsé-Tung –, que, por sua vez, levavam a desaceleração nos investimentos e no crescimento econômico.

A abertura e as reformas promovidas por Deng Xiao Ping permitiram que a economia chinesa atingisse um choque de produtividade o qual reduziu a sua volatilidade, mas pautava esse crescimento a uma nova restrição, a capacidade de importar. “A vigorosa expansão da demanda interna só poderia ser atendida pelo crescimento das importações” (YAO apud MEDEIROS, 2006). Nesse sentido, a resposta chinesa ao novo desafio foi deslocar sua pauta de exportações para bens intensivos em mão de obra e atrair investimento externo direcionado a construir esta capacidade exportadora, o que gerou mudanças no comércio internacional (MEDEIROS, 2006).

Pode-se perceber, ainda, que a necessidade de importar que pautava o crescimento do gigante asiático estava diretamente relacionada à sua ascensão como importante ator no cenário internacional. Segundo Medeiros e Cintra (2015), existem dois processos principais – com dinâmicas distintas, mas que se relacionam – que levaram o país a atingir a sua posição relevante e diferenciada na economia mundial: a) a urbanização chinesa e a industrialização pesada associada à essa urbanização e b) a posição de centro manufatureiro que o país passou a ocupar e os efeitos associados à essa posição.

Desde a década de 1990 a urbanização chinesa iniciou um processo de forte aceleração em seu crescimento, e com ela veio a despontada de sua indústria pesada. Apesar de ser um grande produtor de *commodities*, a aceleração de sua industrialização e, mais uma vez, o tamanho de seu mercado interno, levaram a China a assistir sua demanda por bens como minério de ferro, carvão, aço e alumínio se elevar a taxas muito superiores à capacidade produtiva do país, levando a uma forte pressão por importações no mercado mundial. Isso fez com que o país estreitasse laços com países produtores desses bens – como será aprofundado

nas seções seguintes – e repercutisse, inclusive, nos preços de algumas *commodities*, como a soja e os metais.

O segundo processo responsável pela ascendência da China enquanto um dos protagonistas do comércio é justamente a transformação do país no grande centro manufatureiro da economia mundial, gerando efeitos sob os demais países por meio de três principais mecanismos: a) através da sua forte demanda por importações de matérias-primas e bens de capital – a qual foi uma consequência também da urbanização, mencionada anteriormente –; b) através das suas exportações, sendo um grande produtor em especial de bens intermediários e finais e c) do efeito que exerce sobre os preços de algumas *commodities*, como a soja e metais.

Nesse sentido, os países que possuem estruturas industriais intensivas em matérias-primas e/ou bens de capital beneficiam-se da demanda por importações chinesa por meio de uma complementaridade, uma vez que a China necessita de tais insumos para garantir sua produção exportadora. Por outro lado, o crescimento das exportações chinesas citado deveria estar relacionado à expansão do mercado externo; porém, o que se viu na última década foi um crescimento mais tímido dos principais mercados importadores, em especial EUA, Japão e países da União Europeia, principalmente após a crise financeira global. Isso indica que o crescimento das exportações chinesas deve estar associado, na verdade, a uma redistribuição da participação das demais economias nesses principais mercados em favor da China.

Sendo assim, o que se viu no país asiático após os anos 2000 foi um ritmo de crescimento exponencial de seu comércio exterior, aumentando tanto as importações quanto as exportações, com um grau de abertura externa crescente, que em 2005 já atinge o nível de 69%<sup>14</sup>(OLIVEIRA, 2008). O país passa por uma etapa inicial de crescimento pautado principalmente em seu extenso mercado interno, afirmando-se como o principal absorvedor de investimento direto externo das economias emergentes para, através disso, alavancar sua urbanização e modernização de suas indústrias. Em seguida, graças à aceleração de seu processo de modernização e inserção nos mercados de comércio mundial, o país asiático passa a adotar com cada vez mais intensidade a estratégia de expansão para mercados externos.

A crise de 2008 também irá revelar uma China que busca diversificar mercados para suas exportações, com maior proatividade em sua diplomacia. Segundo Cunha, Lelis e Bichara (2012), o *boom* de investimentos chineses visto após 2008 permitiu a criação de

---

<sup>14</sup> O grau de abertura externa citado por Oliveira (2008) é medido pela razão entre a soma das exportações e importações de bens e serviços e o PIB.



canais diretos de acesso a fontes de recursos e tecnologias, os quais foram suficientes para sustentar sua ascensão e responsáveis por ampliar a presença do país asiático em diversos países, reforçando o direcionamento de sua produção industrial para economias com maior potencial de expansão de consumo.

Sendo assim, é evidente que a ascensão chinesa no mercado internacional e as suas estratégias e as características de desenvolvimento geraram impactos distintos na dinâmica mundial, a depender das características do país em questão.

### **2.3 Os efeitos da expansão chinesa na dinâmica internacional**

Ao apresentar-se como exportador líquido de manufaturas, principalmente intensivas em mão de obra, para países como Estados Unidos e Japão, e atuar como importador líquido de países produtores de matérias-primas, máquinas e equipamentos, a China, conforme sinalizado por Medeiros (2015), vem se apresentando como um duplo polo na economia internacional, gerando um ‘efeito China’ como citado por Pinto e Cintra (2016), que se desdobrou em transformações nos fluxos comerciais.

Segundo Pinto e Cintra (2016), as transformações advindas do efeito China podem ser reunidas em quatro blocos. Em primeiro lugar, cabe citar o aumento e manutenção dos preços internacionais de *commodities*, motivado pelo choque de demanda da China com a sua inserção internacional. A valorização das *commodities* atuou no sentido de contribuir para um segundo bloco de transformações: a melhora sustentada nos termos de troca favorável a países em desenvolvimento exportadores de *commodities* – esse é o caso de países da América Latina e África.

Por outro lado, enquanto os preços das *commodities* se valorizavam, a inserção da China enquanto exportadora de manufaturas foi responsável por gerar um baixo crescimento ou estabilização do nível de preços desses bens, os quais tiveram uma expansão de oferta e aumento da pressão competitiva com a produção chinesa. Cabe comentar, ainda, que a produção chinesa se apresentava como forte ameaça no segmento por possuir vantagens frente às demais, dado os seus baixos salários, economias de escala e inovações na organização.

Por último, uma das transformações ocasionadas pelo efeito China foi a expansão global do consumo de massa. Com elevada oferta de manufaturados a preços mais competitivos, foi possível notar maior acesso a produtos industriais por parte de segmentos da população que antes voltavam-se apenas para produtos básicos.

Aliado a essa análise, pode-se combinar a visão de Medeiros e Cintra (2015). Para os autores, tais transformações ocasionadas pelo gigante asiático no comércio internacional

afetam os países por meio de duas óticas: o “efeito demanda” e o “efeito estrutura”. O grau e a forma com que cada uma das nações irá ser afetada por eles depende de características tais como: pauta exportadora e importadora, restrições produtivas e de investimento, estágio tecnológico, entre outros, e a combinação desses dois efeitos terá um saldo que pode ser positivo ou negativo para o crescimento econômico da nação.

O efeito demanda ou efeito escala, o qual por muito tempo foi exercido pelos EUA, pode ser descrito como o efeito macroeconômico que a China exerce com o seu impacto sobre as exportações, balança comercial e investimentos, estando associado ao ritmo de crescimento do mercado chinês. Ele pode se dar de forma direta, ou seja, pelo aumento das exportações com destino à China, ou de forma indireta, que seria pelo aumento de exportações destinadas a terceiros mercados, as quais se expandem dada a elevação da capacidade de importação dessas nações. Tal efeito está diretamente associado com os dois primeiros blocos de transformação citados por Pinto e Cintra (2016): o choque no preço das *commodities* e a melhora sustentada nos termos de troca.

O efeito estrutura ou setorial, por outro lado, está associado à pauta exportadora e importadora da China, e pode agir através do mecanismo substitutivo ou complementar. No caso do mecanismo substitutivo, temos que, como citado anteriormente, a produção *made in China* – com as suas vantagens anteriormente citadas – foi responsável por aumentar a competitividade tanto nos mercados internos dos países concorrentes quanto nos mercados externos. Tal substituição está associada ao terceiro bloco citado por Pinto e Cintra (2016), a estabilização nos preços dos bens manufaturados, e age de maneira contrária ao efeito demanda para os países exportadores de manufaturados. Há, ainda, o mecanismo complementar, que existe com países exportadores de *commodities*, matérias primas e bens de capital. Já que esses bens são essenciais à China, há um efeito de complementariedade, no sentido em que o crescimento chinês gera maiores demandas pelas exportações provenientes desses países.

Nas seções seguintes, será analisado como o conjunto desses efeitos impactou os países latino-americanos, com foco para o período a partir de 2000.

## **2.4 Os impactos na América Latina e Brasil**

A partir dos anos 1950 até a década de 2000, a América Latina atravessou – com algumas exceções – um período de tendência à deterioração de seus termos de troca, que, como brevemente citado na seção 1.4, também foi o caso do Brasil. Os países tinham dificuldades de superar suas restrições externas, e encontravam-se em situações fortemente

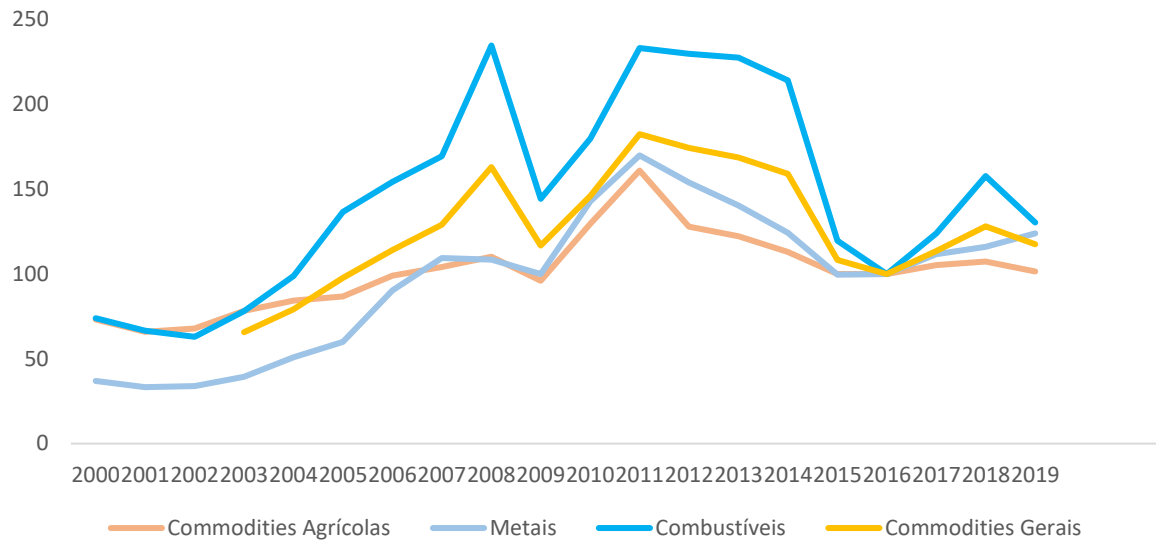
deficitárias. Uma série de políticas foram empenhadas em diversos países para tentar reduzir o déficit na balança comercial de forma estrutural, focadas em buscar incentivar a industrialização, sendo uma delas justamente a política de substituição de importações. Nos anos 1970, alguns países latino-americanos se endividaram no euromercado a taxas flutuantes e, após a moratória mexicana de 1982 e a consequente interrupção dos canais de crédito para países da região, passaram por um longo e custoso período de ajustamento das contas externas, em grande parte envolvendo sacrifício do crescimento econômico.

. A partir dos anos 2000, entretanto, introduz-se um novo panorama. O choque de demanda da China por matérias-primas e o *boom* das *commodities* são alguns dos fatores que contribuíram para a inauguração de um novo período econômico aos países latino-americanos, elevando as exportações desses países e ajudando a aliviar o balanço de pagamentos. No caso do Brasil não foi diferente, a partir de 2003, o desempenho da balança comercial brasileira torna-se extremamente vinculado ao crescimento da economia e da demanda externa da China (IEDI, Edição 769, 2017).

“Em conjunto com seu efeito sob os preços industriais, sobretudo nas indústrias intensivas em mão de obra, a industrialização e urbanização chinesas contribuíram para a “quebra estrutural” observada nos termos de troca. Nas economias em desenvolvimento da África estes passaram de 100 em 2000 para 182 em 2012; na América do Sul de 100 em 2000 para 161 (...).” (MEDEIROS, 2006, p.31)

O *boom* das *commodities* foi um período de forte alta dos preços das matérias-primas que ocorreu justamente no início do século XXI e foi até aproximadamente o ano de 2014. O Gráfico 1 apresenta um pouco do que aconteceu nesse período: os preços de bens primários como combustíveis, *commodities* agrícolas, minérios e metais se elevaram ano após ano a taxas expressivas, e um dos fatores importantes por motivar essa subida de preços foi a elevação da demanda por esses produtos, em parte puxada pela China.

**Gráfico 1: Índice de crescimento (base 100 = 2016) do preço das *commodities* (2000-2019)**



Fonte: *International Monetary Fund*, elaboração própria.

É importante sinalizar que a literatura ressalta uma série de outros fatores também responsáveis por estimular esse novo período econômico muito associado ao *boom* no ciclo das *commodities*, não somente o choque de demanda chinesa. Alguns outros fatores citados por Bredow et al (2018) são, por exemplo, o contexto de forte expansão da liquidez global associado a um aumento da “financeirização” dos preços das *commodities* – dado o crescimento do mercado especulativo e a maior exposição de investidores a contratos de derivativos indexados a esses bens –, e a escassez de investimentos para produzir e distribuir alguns bens primários, como o petróleo.

Medeiros, Freitas e Serrano (2014) também apresentam uma visão complementar sobre o tema. Para eles, o período econômico de expansão dos países latino-americanos seria motivado pelo conjunto de fatores composto por: rápida expansão da economia chinesa; baixas taxas de juros nos países centrais, especialmente nos EUA; grande fluxo de capital para os países periféricos; o aumento dos preços das *commodities* e a adoção de políticas de administração do balanço de pagamentos por parte dos países em desenvolvimento – em especial apoiadas em um nacionalismo de recursos naturais. Sobre o primeiro ponto, eles mencionam que, de fato, a China, ao tornar-se um mercado grande e em rápido crescimento, induziu a expansão da demanda por exportações de recursos naturais no mundo todo, principalmente entre 2003-2008, quando os preços das matérias-primas atingiram um nível mais elevado.

Apesar disso, no que diz respeito ao aumento dos preços das *commodities*, Medeiros, Freitas e Serrano (2014) sinalizam que o efeito da demanda da China teve um papel importante exclusivamente sobre os preços de metais, e não sobre todas as *commodities*, e reforçam que, apesar de ter sido um motivador muito relevante, existiram uma série de outros fatores interligados para motivar o aumento do preço desses bens no período. Um dos efeitos importantes sinalizado pelos autores, este como causador do aumento em especial para as *commodities* de energia e alguns metais, estaria relacionado a questões internas aos países em desenvolvimento: a adoção de políticas econômicas de administração do balanço de pagamentos – parcialmente fundamentadas em linhas keynesianas e baseadas no retorno do “nacionalismo de recursos naturais” – por parte desses países.

Dentre as práticas, estão a adoção de regimes cambiais flexíveis; a tributação seletiva do valor das exportações de algumas *commodities* ou subsídios às importações de outras; o pagamento antecipado da dívida externa pública criação e a acumulação em larga escala de reservas internacionais. Essa combinação de fatores contribuiu para elevar o custo da oferta de *commodities*, contribuindo para a subida de preço, mas, além disso, também foi essencial para proporcionar anos sem crises no balanço de pagamentos a esses países, tendo contribuído de forma relevante para a tendência de aumento dos termos de troca das *commodities* primárias observada nos anos 2000. Os autores também mencionam, ainda, o efeito da forte valorização da taxa de câmbio de alguns países produtores de *commodities*, causada pela combinação de aumentos nos salários nominais e valorizações nominais das taxas de câmbio, que também atuaram no sentido de pressionar os preços desses bens (MEDEIROS; FREITAS; SERRANO, 2014).

De todo modo, apesar da forte influência dos outros fatores citados, é inegável que a China teve um papel fundamental na contribuição da redução das restrições no balanço de pagamentos dos países latino-americanos. Mas, apesar disso, é importante considerar a importância da visão de Prebisch para essa análise. Apesar do panorama da emergência chinesa contribuir, inicialmente, para o alívio nas restrições externas dos países latino-americanos, isso se deu principalmente por mecanismos de transmissão associados a *commodities* e recursos básicos, e não a produtos industriais de maior valor agregado. O efeito gerado pelo país asiático sobre esse segundo bloco de produtos foi no sentido contrário, o que alerta para o fato do alívio da balança de pagamentos, nesse caso, ser de fato algo temporário, e não duradouro. No longo prazo, como defende Prebisch, a balança comercial desses países pode voltar a se complicar, caso sustentem a estratégia de importar os manufaturados, dada a

diferença forte na elasticidade-renda desses produtos, o que prejudica a competitividade dos países no cenário internacional.

Apesar disso, fica nítido que a combinação do efeito demanda com o efeito estrutura (associado à complementaridade) foi uma das primeiras consequências sentidas pelos países latino-americanos com a ascensão chinesa, possível graças à forte presença de atividades ligadas à extração ou produção de recursos naturais nesses países. Segundo Santiso (2007), a China se assemelha a uma “*trade angel*” ou “*helping hand*” aos países latino-americanos, revelando-se como uma oportunidade. Por outro lado, com o avanço da produção *Made in China* sobre os mercados internacionais, o efeito estrutura substitutivo surge como uma ameaça para algumas das nações.

Segundo Pinto e Cintra (2015), é possível dividir os países da América Latina em alguns grupos conforme o balanceamento desses efeitos. O primeiro deles seria formado por países como Chile e Peru. De maneira geral, para essas nações, a China seria, de fato, somente uma “*trade angel*”, uma vez que suas economias se voltam principalmente para as *commodities*, não possuindo desenvolvimento industrial relevante para sofrer ameaça.

Em um nível intermediário, estaria o grupo de países composto pela Argentina e Brasil. Esses países possuem estruturas que combinam tanto uma forte produção e exportação de bens primários e *commodities* como de bens manufaturados, e, portanto, enfrentam uma situação mais complexa. Da mesma forma que o primeiro grupo, se beneficiaram do ciclo de *commodities*, mas também sofreram com a competitividade chinesa em mercados na América Latina e nos EUA. Nota-se, ainda, que o saldo do balanceamento de ambos os efeitos sofreu uma importante mudança ao longo das últimas décadas, com uma piora significativa após a crise de 2008, dada a elevação do último efeito (PINTO; CINTRA, 2013). No caso do Brasil, segundo dados do Comtrade, em 2000, 61% do valor arrecadado com exportações provinha de bens manufaturados. Em 2010, esse valor já caiu para um pouco mais da metade: 36% do valor arrecadado com as exportações provém de manufaturados.

O grupo com maior exposição ao efeito substitutivo é formado por países da América Central e México. Esses países não possuem produção significativa de *commodities* exportáveis para a China e, por outro lado, possuem indústrias que competem com as exportações chinesas. Nesse sentido, são o grupo que mais sofreu com os impactos negativos da ascensão do país asiático. Segundo a CEPAL (2012), essa assimetria fica nítida ao analisar que a América Latina, enquanto região, manteve, em toda a primeira década dos anos 2000, um déficit na balança comercial com a China devido principalmente à conjuntura desses países.

As análises da CEPAL (2012) também indicam que, entre 1999 e 2011, o crescimento robusto tornou a China um dos principais importadores de *commodities* do mundo, tanto nos setores de combustíveis e minerais quanto de agricultura. Esse movimento foi o principal efeito positivo que a China gerou a países latino-americanos, especialmente no que se refere aos produtos agrícolas. Isso porque a demanda chinesa é tão grande que, até para aqueles produtos em que o país possui níveis elevados de produção, como o algodão e trigo, ele não consegue ser autossuficiente. Sendo assim, essa alavanca ao mercado de *commodities* representou, de fato, uma grande oportunidade para a América Latina e para o Brasil.

Apesar disso, a análise também reforça que o comércio com a América Latina ocorre principalmente entre diferentes setores, com a China importando *commodities* e exportando bens manufaturados a esses países. De 2005 a 2011, os principais produtos exportados da China para a América Latina foram manufaturados, com diferentes graus de tecnologia, enquanto todos os importados pelo país asiático eram recursos naturais. Os produtos manufaturados asiáticos, portanto, apresentavam-se cada vez mais como forte concorrência aos latino-americanos, tanto nos próprios mercados internos desses países como em terceiros mercados. Países como a Argentina, Brasil e o México foram os principais afetados, uma vez que tinham maiores produções de manufaturados em setores concorrentes da China – em 2012, a Argentina tinha 49%, Brasil 28% e México 11% (CEPAL, 2012).

É importante ressaltar, ainda, que a chegada da crise financeira global gerou, como já mencionado, uma intensificação dessa competição e do efeito substitutivo chinês, afetando ainda mais esses países produtores de manufaturados. O período pós-crise foi marcado pela intensificação na estratégia asiática de elevar sua presença na periferia capitalista, como resposta à queda de demanda dos países desenvolvidos, visando sustentar o dinamismo de suas exportações (BREDOW; LÉLIS; FRANKE; CUNHA, 2018). Sendo assim, para além da competição em terceiros mercados, como a Europa e EUA, a China aumentou sua participação no mercado de importação de manufaturados na própria América Latina, por exemplo. Tal movimento acaba pondo em xeque ainda mais a capacidade competitiva de economias mais maduras e diversificadas, em especial o México e Brasil, que acabam perdendo maior espaço nos países vizinhos e em seus próprios mercados (CUNHA; LELIS; BICHARA, 2012).

Segundo análise da CEPAL (2012), como reflexo desse crescimento de participação chinesa na América Latina, é possível identificar, de 2005-2010, pelo menos seis setores industriais que as importações chinesas parecem estar substituindo produtores locais nesses países, sendo eles: máquinas e equipamentos, têxteis, vestuários e calçados, borracha e

plástico, metais e derivativos, automóveis e outros manufaturados. Tal pressão competitiva se mostrou, inclusive, ainda mais forte ao considerar a apreciação da taxa de câmbio que se viu em diversos países latino-americanos a partir de 2010, como no Brasil.

Nesse sentido, é evidente que, ao passo que o Brasil, ao longo da década de 2000, assistiu a China tornar-se um de seus principais parceiros comerciais, passando da 12º para a 1ª posição enquanto destino das exportações brasileiras (SISCOMEX), gerando superávits subsequentes enquanto um dos principais beneficiados pelo ciclo das *commodities*, o país também sofreu com a concorrência chinesa, em especial para os manufaturados, havendo fortes evidências de perda de mercado tanto interno quanto externa (CEPAL, 2012).

No que diz respeito ao campo externo, é importante analisar os impactos ressaltados por estudiosos da competição entre América Latina e China sobre a exportação de produtos manufaturados para os Estados Unidos, uma vez que esse é um dos principais mercados para as manufaturas latino-americanas e, em especial, brasileiras (SISCOMEX). Segundo estudo da CEPAL (2021), a participação de exportações dos países latino-americanos no mercado dos EUA de manufaturados se manteve praticamente a mesma entre os anos de 2002 e 2018, ao nível de 18% do mercado, sendo que a maioria dos países, inclusive o Brasil, perderam mercado, enquanto outros, como México, Peru, Chile e Colômbia, ganharam participação. No mesmo período, a China praticamente dobrou a sua participação no total das importações desse país.

O documento de 2012 da CEPAL também analisa o nível de *product penetration*<sup>5</sup> de cada país da América Latina e Caribe considerando suas exportações para os EUA, e conclui que, ao comparar 2018 com 2002, a maioria dos países passou a exportar para o país norte-americano menos produtos do que exportava antes em boa parte das indústrias, em especial na indústria de transformação. No caso do Brasil, com exceção do setor de máquinas e equipamentos, em todos os outros setores de manufaturados houve redução na taxa de *product penetration*, em especial para o de materiais manufaturados, em que houve queda de 10 pontos percentuais.

Por outro lado, a China, no mesmo período, aumentou a quantidade de produtos exportados para os EUA, atingindo, inclusive, o limite máximo, exportando a totalidade dos produtos representados dentro das 4 categorias de manufaturas consideradas pela classificação

---

<sup>5</sup> O indicador de *product penetration* apresentado no documento da CEPAL (2012) refere-se ao número de produtos exportados para os Estados Unidos sobre o total de produtos possíveis de serem exportados. Esse potencial de produtos a serem exportados varia ao longo dos anos, porém os autores ressaltam que, no momento da coleta de dados para a pesquisa, estava disponível apenas o número total de produtos no período mais recente; logo, a taxa de *product penetration* de 2002 pode estar enviesada para baixo.



da *Standart International Trade Classification (SITC)* (químicos, materiais manufaturados, máquinas e equipamentos e manufaturados diversos).

A análise de Cunha, Lelis e Bichara (2016) também corrobora com evidências de tal competição. Os autores concluem, em seu artigo, que o perfil de exportações nacionais brasileiras experimenta uma regressão qualitativa, que é justificada por dois fatores: a queda na participação dos produtos manufaturados intensivos em trabalho e escala no total exportado pelo Brasil; e pela concentração da pauta de produtos nos diversos mercados de destinos. Enquanto isso, no mesmo período, a China segue por um caminho oposto: o país importa cada vez mais recursos com baixo grau de processamento e exporta manufaturas cada vez mais sofisticadas, agregando tecnologia e valor à pauta exportadora e diversificando seus mercados de destinos e produtos exportados.

De maneira geral, conforme constata Cunha, Lelis e Bichara (2012), o posicionamento do Brasil no comércio internacional parece refletir um Brasil no “espelho da China”: a emergência da China foi uma das grandes questões responsáveis por gerar mudanças no padrão de comércio internacional, que passou a ser mais dependente da exportação de recursos básicos e *commodities*, e proporcionar a países como o Brasil a dificuldade e redução na capacidade de competição nos mercados locais e globais de manufaturados. Tal cenário aponta para a dificuldade do país, no longo prazo, de sustentar um ritmo de crescimento competitivo, dado que, exportando cada vez menos produtos de maior valor agregado, enfrentará, como sinalizado por Medeiros e Serrano (2001) dificuldades de financiamento de seus passivos externos e equilíbrio em sua balança comercial.

É necessário, todavia, explorar de forma mais aprofundada quais são os efeitos da concorrência chinesa na perda de mercados externos brasileiros. No próximo capítulo, será analisado especificamente o efeito dessa competição no mercado dos Estados Unidos de manufaturados, uma vez que a literatura recente indica esse mercado como o mais ameaçado.

## **CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS SOBRE AS MUDANÇAS NA EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS DO BRASIL PARA OS EUA AO LONGO DO PERÍODO 2000-2019**

### **3.1 Introdução**

No capítulo anterior, fica nítido que a expansão chinesa gerou diversos efeitos sobre as exportações brasileiras que apontam, inclusive, para direções distintas. Do lado dos efeitos negativos, em especial, há motivos para que tenha existido forte impacto negativo chinês sobre as exportações brasileiras de manufaturados. Neste capítulo, portanto, será feita uma análise de dados e indicadores das duas últimas décadas (2000-2019) com o intuito de investigar se, de fato, ocorreu essa ameaça chinesa, focando especialmente no maior mercado de manufaturados do Brasil, os EUA.

Em primeiro lugar, será feita uma breve análise das exportações de manufaturados e não manufaturados do Brasil e da China. Em seguida, na seção 3, será apresentada a metodologia e os indicadores que serão construídos e apresentados nas seções seguintes (4 e 5) para aprofundar a discussão e buscar conclusões mais embasadas.

### **3.2 A trajetória de manufaturados brasileira *versus* a chinesa**

A trajetória do valor arrecadado em US\$ com as exportações brasileiras exposta no Gráfico 2 demonstra que houve um crescimento de 4 vezes desse valor ao comparar 2019 com 2000. Ao segregarmos essa análise entre o crescimento dos manufaturados *versus* os não manufaturados<sup>6</sup>, é possível observar que o fator que alavancou esse crescimento foram justamente os produtos não manufaturados. Enquanto o valor arrecadado com os produtos não manufaturados cresceu 7 vezes, se comparado 2019 com 2000 – atingindo 705 em 2019 –, o valor arrecadado com os manufaturados não apresentou a mesma prosperidade, crescendo apenas 2 vezes – atingindo 206 em 2019.

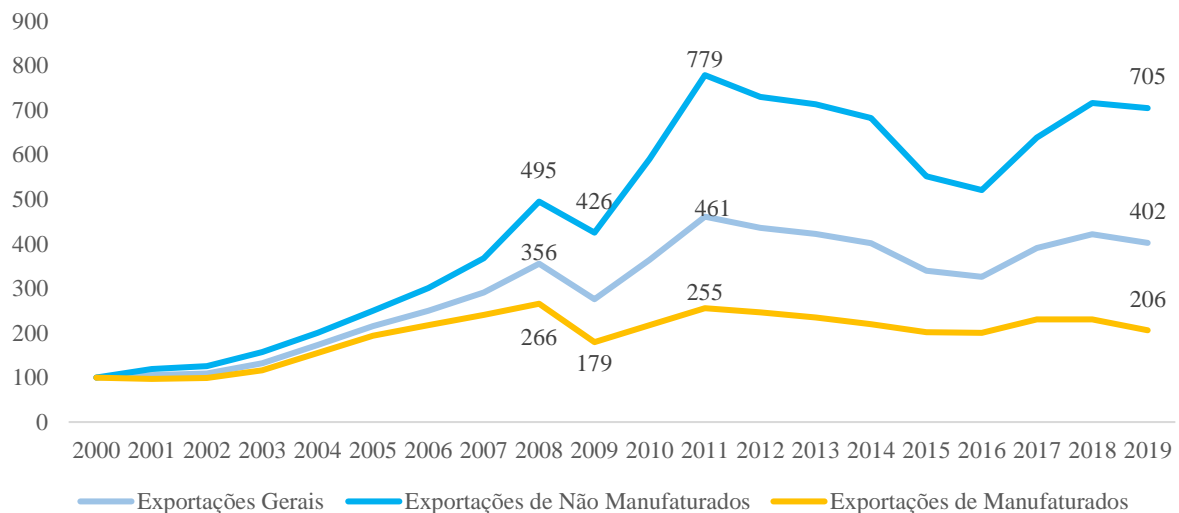
É importante analisar que, em ambas as duas trajetórias – de manufaturados e não manufaturados – é possível perceber dois momentos de queda: entre 2008-2009 e 2014-2016, mas com amplitudes diferentes. Fica evidente que, entre 2009-2011, os produtos não manufaturados tiveram forte recuperação, atingindo em 2011 um valor quase duas vezes

---

<sup>6</sup> A divisão dos produtos entre manufaturados e não manufaturados apresentada neste capítulo foi baseada no agrupamento apresentado pelo *World Integrated Trade Solution (WITS)* que considera como manufaturados os produtos de códigos 5, 6, 7 e 8 do *SITC* Revisão 3 e como não manufaturados os demais.

maior do que era em 2009. Por outro lado, os manufaturados não conseguiram se recuperar por completo, e mantiveram uma trajetória próxima da estagnação a partir de 2011.

**Gráfico 2: Índice de crescimento (base 100 = 2000) do valor arrecadado (US\$) com as exportações brasileiras (gerais, de não manufaturados e de manufaturados) (2000-2019)**

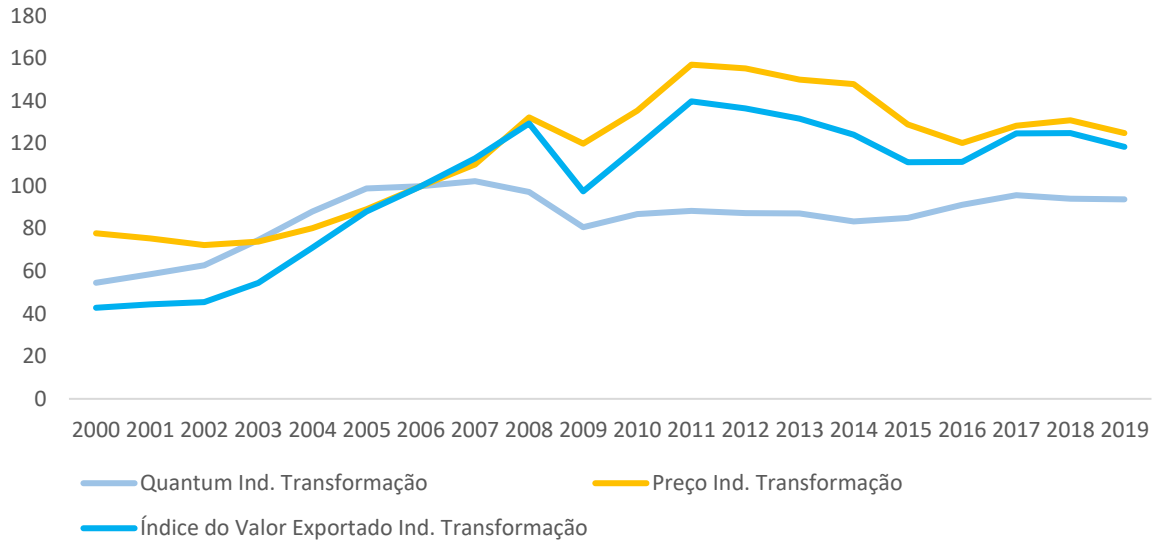


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

Associado a isso, no Gráfico 3 apresentado a seguir, temos uma análise que compara o índice de *quantum* x índice de preço<sup>7</sup> considerando a indústria de transformação – que seria uma correspondência aos manufaturados na classificação da *International Standard Industrial Classification of All Economic Activities (ISIC)*. Importante sinalizar que por questões de dados, não foi possível realizar, exclusivamente nesse gráfico, a análise pelas categorias do *SITC*. Dito isso, é possível perceber, que os produtos manufaturados englobados na categoria de indústria de transformação apresentaram um índice de crescimento que, até 2005, foi basicamente explicado pela variação no *quantum*. Após esse ano, por sua vez, as flutuações no índice de crescimento se deveram basicamente aos preços, com as curvas apresentando trajetórias muito semelhantes.

<sup>7</sup> Os índices de quantum e preço são séries de índices que são calculadas a partir dos valores de kg e preços, respectivamente, de cada produto que compõe a pauta de exportações ou importações. As séries são feitas aplicando a fórmula de Fischer em uma cesta selecionada de produtos, sempre usando os valores de kg e preços. (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2022).

**Gráfico 3: Índices de crescimento (base 100 = 2006) de Quantum, Preço e de Crescimento (em US\$) das exportações brasileiras da Indústria de Transformação (2000-2019)**

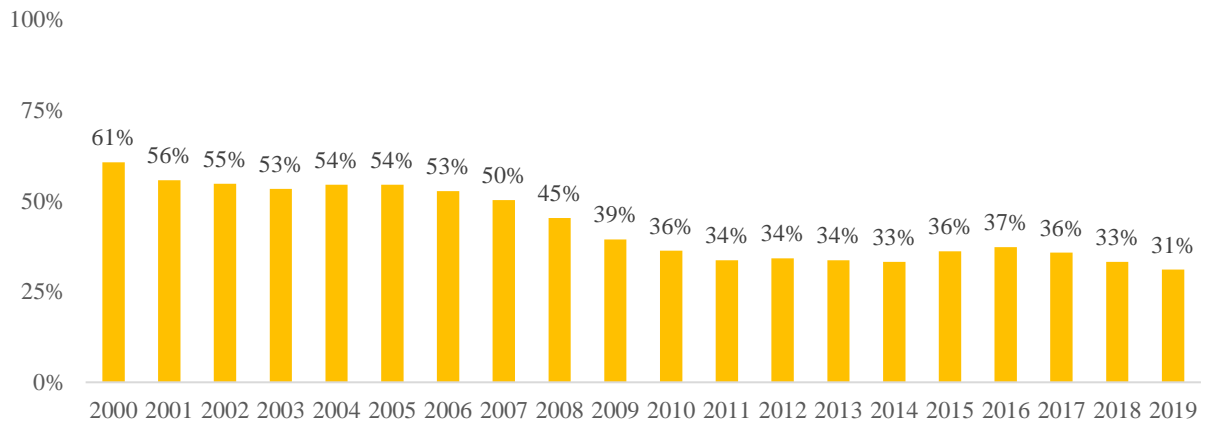


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Ministério da Economia. (Acesso em fev. 2022)

O Gráfico 4, por sua vez, ao apresentar a participação dos produtos manufaturados no total arrecadado com exportações brasileiras entre 2000-2019, demonstra que houve uma queda significativa na representatividade desses produtos na pauta exportadora. Enquanto em 2000 os manufaturados representavam a maior parte do valor arrecadado com exportações no Brasil (61%), em 2019 essa participação cai pela metade, atingindo uma participação de um pouco menos de 1/3 do valor total (31%).

Nesse sentido, pode-se afirmar que as exportações de manufaturados perderam espaço significativo na pauta exportadora brasileira, que pode ser explicado pelo maior índice de crescimento dos não manufaturados desde 2000, principalmente nos períodos 2005-2008 e 2009-2011 *versus* uma trajetória mais próxima de uma estagnação dos manufaturados. Tal dado corrobora com as evidências citadas pela literatura de que parece ter ocorrido uma regressão qualitativa – como cita Cunha, Lelis e Bichara (2016) – do perfil de exportações nacionais. O crescimento da participação dos produtos básicos na pauta exportadora aponta, também, para sinais de alerta no que diz respeito às dificuldades de aliviar as restrições externas no longo prazo, como defendido por Presbisch (1949).

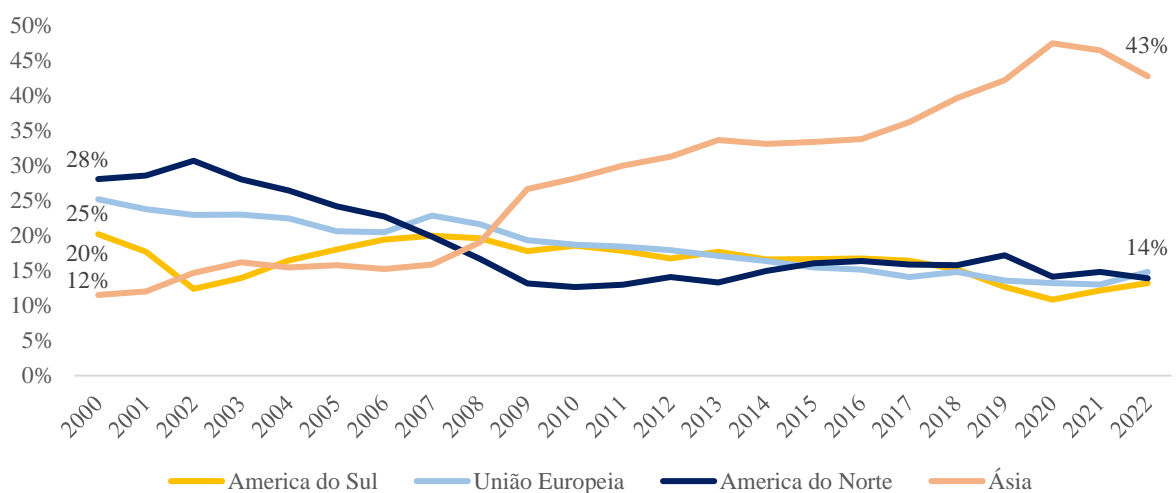
**Gráfico 4: Participação (%) do valor arrecadado em US\$ com as exportações de manufaturados brasileiros sobre o total de exportações brasileiras (2000-2019)**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

Para aprofundar a discussão, é importante entender como se comportou a evolução dos principais parceiros comerciais do Brasil. No que diz respeito às exportações gerais, o Gráfico 5 demonstra que houve uma forte tendência de concentração da pauta exportadora para a Ásia ao longo das duas décadas analisadas, que se traduziu em uma queda da participação de todas as demais regiões, mas de forma mais acentuada na América do Norte até 2009.

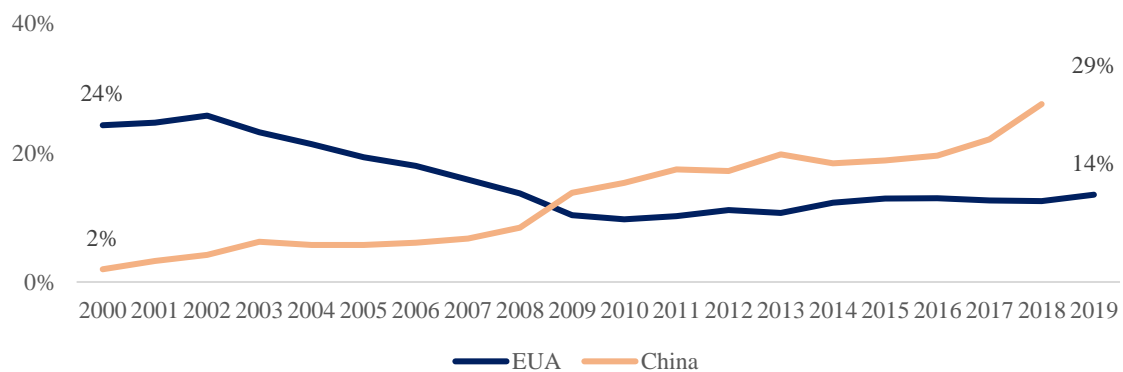
**Gráfico 5: Participação (%) das principais regiões nas exportações brasileiras totais (US\$) (2000-2019)**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Ministério da Economia. (Acesso em fev. 2022)

É importante sinalizar que o principal país em termos de representatividade na participação das exportações na América do Norte é os Estados Unidos, e na Ásia a China – dados que podem ser verificados no Gráfico 6, o qual apresenta a participação somente desses dois países nas exportações brasileiras. Nesse sentido, percebe-se que, em 2000, os Estados Unidos eram o principal mercado para as exportações brasileiras, representando 24% do total arrecadado com as exportações. Tal posição de principal importador do Brasil, entretanto, muda a partir de 2009, quando passa a ser assumida pela China, que mantém ao longo dos anos seguintes uma trajetória de distanciamento cada vez maior dos demais países, até atingir a representatividade de 29% em 2019.

**Gráfico 6: Participação (%) dos EUA e da China nas exportações brasileiras totais (US\$) (2000-2019)**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

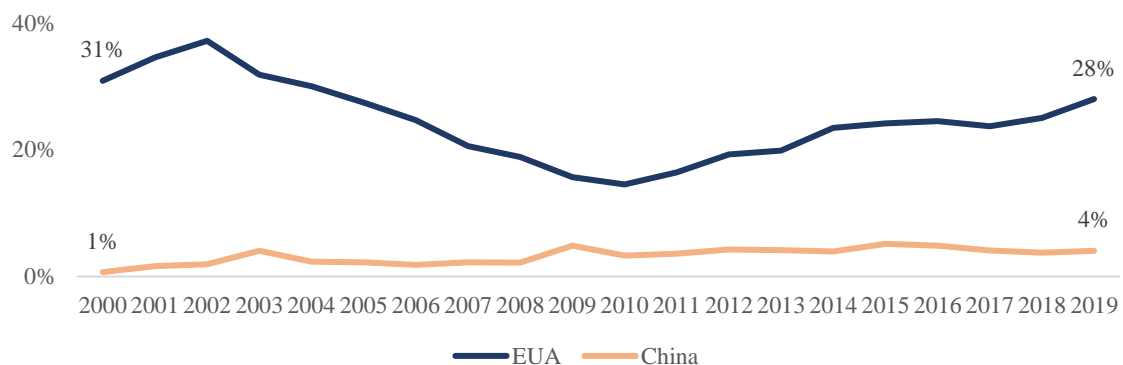
Na Figura 1, por sua vez, é apresentada a visão dos principais destinos comerciais do Brasil no que diz respeito à exportação exclusiva de manufaturados. Tal análise demonstra que os EUA, que já assumiam a posição de principal destino das manufaturas brasileiras em 2000, mantêm essa posição ao longo das últimas duas décadas, mas com queda de 3 pontos percentuais, apresentando um valor de 28% do total arrecadado em 2019. Também é possível perceber uma forte concentração das exportações de manufaturas no país norte-americano, seguido pela Argentina, enquanto a participação restante permaneceu diluída por um número maior de países. Tal fator reforça a relevância do país norte-americano para o mercado brasileiro de manufaturados.

**Figura 1: Ranking dos 10 principais destinos das exportações brasileiras de manufaturados em US\$ por país**

Países	Participação (%) em 2000	Países	Participação (%) em 2019
USA	30,9%	USA	28,0%
Argentina	16,3%	Argentina	12,5%
Mexico	4,7%	Netherlands	5,3%
Italy	3,7%	Germany	4,3%
Chile	3,3%	Japan	4,1%
Japan	3,2%	Italy	3,9%
Germany	3,2%	France	2,9%
France	2,6%	Belgium	2,9%
Netherlands	2,6%	Mexico	2,9%
United Kingdom	2,5%	United Kingdom	2,6%

A análise da China, por sua vez, apresentada no Gráfico 7, mostra que a pauta exportadora para esse país esteve concentrada durante todo o tempo em produtos não manufaturados: em 2019, apenas 4% do valor arrecadado com as exportações para a China em US\$ provinha de manufaturados, enquanto 87% estavam concentrados nas categorias de materiais brutos e combustíveis minerais – categorias 2 e 3 segundo a *SITC* Revisão 3 (*Comtrade*). Tais informações, combinadas com o fato de que as exportações brasileiras com destino à China saltaram de US\$1 bilhão em 2000 para US\$63 bilhões em 2019 (crescimento de 5740%), indicam que houve um crescimento de exportações brasileiras de não manufaturados muito associada à emergência chinesa, o que pode apontar para um efeito complementariedade do Brasil com a China através da exportação de produtos primários, conforme sinalizado no capítulo II.

**Gráfico 7: Participação (%) dos EUA e da China nas exportações brasileiras de manufaturados (US\$) (2000-2019)**

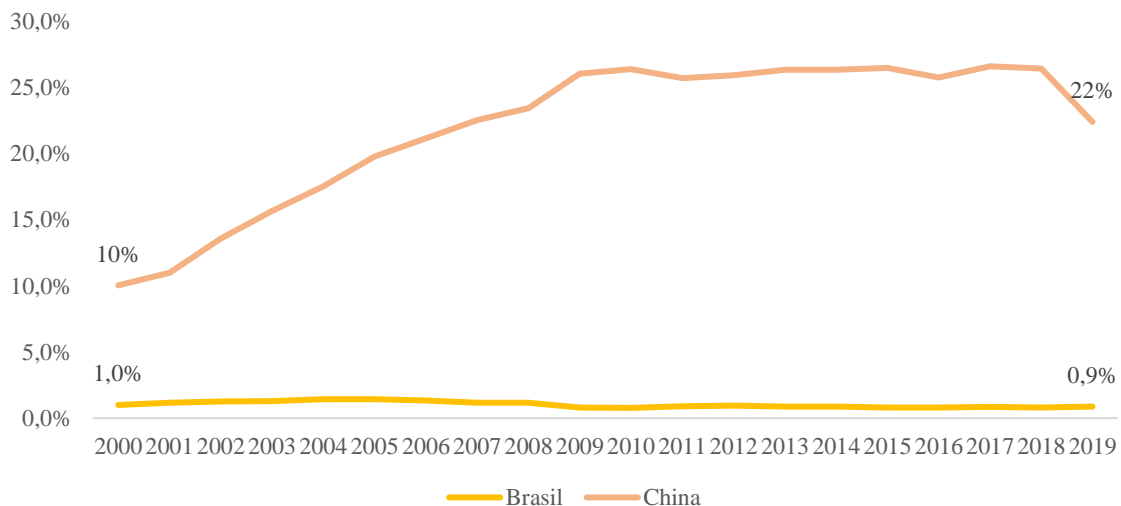


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

Por outro lado, no caso dos EUA, os bens manufaturados ainda representam a maior parte da pauta exportadora: em 2019, 64% da arrecadação com exportações para os Estados Unidos provinha de bens manufaturados, e dentre os produtos que compõem essa pauta, estão itens como: aeronaves, peças para veículos, equipamentos de telecomunicações, motores de combustão interna, ventiladores, filtros e bombas de gás e aço (*Comtrade*). Foi possível perceber, entretanto, uma queda desse valor arrecadado com manufaturados em relação aos anos 2000. Essa queda, associada à perda do título dos Estados Unidos de principal importador do Brasil e redução na participação do país na exportação geral de manufaturados brasileira, suscita preocupações acerca da possível perda de mercado que pode ter sofrido a indústria de manufaturados brasileira em seu antigo maior mercado, em detrimento de produtos chineses.

Esse resultado parece mais evidente ao se considerar o *market share* dos dois países nas importações de manufaturados dos Estados Unidos, exposto no Gráfico 8, combinado com o índice de crescimento das importações dos EUA desses países, no Gráfico 9.

**Gráfico 8: *Market share* (%) do Brasil e China no valor total (US\$) destinado a importações de manufaturados pelos EUA (2000-2019)**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

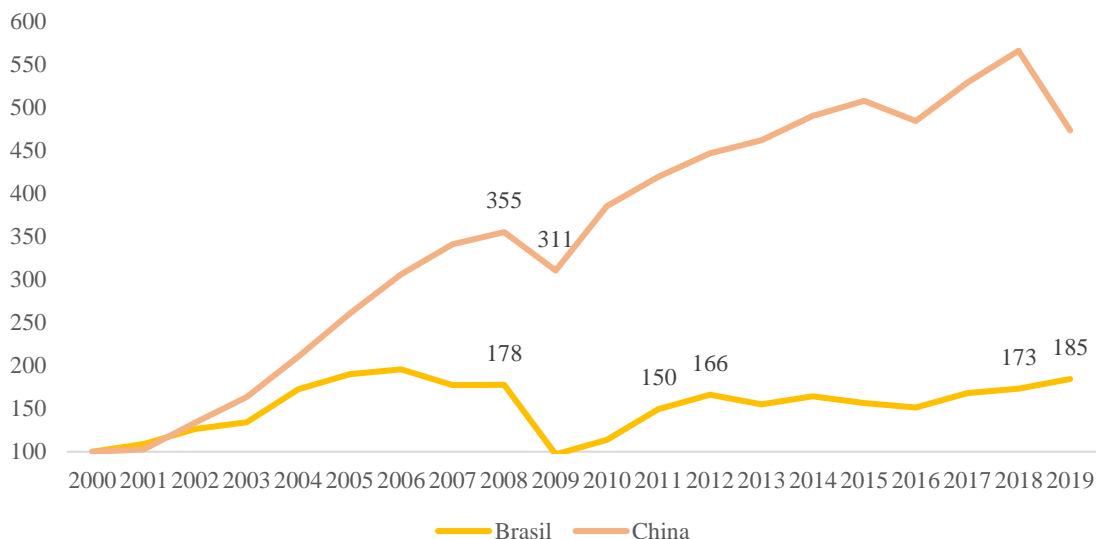
Por um lado, a China mais que dobrou sua participação nos manufaturados norte-americanos, indo de 10% para 22% em 2000 e 2019, respectivamente, sendo possível



observar uma tendência ascendente de crescimento nas importações de produtos chineses por parte dos EUA por boa parte do tempo. Por outro lado, no caso do brasileiro, o *market share* manteve-se praticamente estagnado, com ligeira queda de 1% para 0,9%. Já o crescimento das importações de manufaturas brasileiras por parte dos EUA de fato apresentou, até 2006, uma tendência de crescimento – apesar de em uma escala duas vezes menor que a chinesa. Entretanto, a queda brusca observada de 2008, em que o número índice atinge o valor de 178, para 2009, quando atinge 97, demandou uma recuperação que se perdurou pelos anos seguintes: o nível atingido em 2012, de 166, manteve-se praticamente estagnado até 2018 (173), e só foi atingir um valor efetivamente superior ao observado em 2009 em 2019 (185). Nesse mesmo período, a China seguiu aumentando sua vantagem, sendo possível perceber, inclusive, uma aceleração do crescimento do *market share* do país asiático de 2008 para 2009, após a crise financeira global, no mesmo período em que o Brasil perde mercado.

Conforme destacado pela literatura, fica nítida a relevância da crise financeira global para impactar negativamente as exportações de manufaturas brasileiras. As estratégias de diversificação de mercados adotada pela China nesse período parecem ter surtido efeitos positivos no que diz respeito aos EUA, enquanto o Brasil foi afetado negativamente.

**Gráfico 9: Índice de crescimento (base 2000 = 100) do valor importado (US\$) pelos EUA de produtos manufaturados providos do Brasil e China (2000-2019)**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

De modo geral, a análise das duas últimas décadas indica que o Brasil parece ter perdido força no mercado de manufaturados dos Estados Unidos após a ascensão da China,

sendo importante investigar se, de fato, a emergência chinesa se traduziu para o Brasil em uma ameaça. Essa hipótese deve ser analisada com atenção, já que, apesar do *market share* do Brasil com as importações norte-americanas de manufaturados não ter crescido na velocidade em que cresceu o do país asiático, ele também não sofreu significativa redução, mantendo-se praticamente estagnado. Além disso, para entender se de fato houve uma ameaça da China, é importante examinar se ambos os países estão, de fato, concorrendo nos mesmos setores e produtos. Sendo assim, para se ter uma conclusão mais precisa, será realizada uma desagregação maior desses dados nas seções seguintes, a partir da análise de alguns indicadores.

### 3.3 Metodologia

A metodologia utilizada para analisar sinais de ameaça chinesa nas exportações brasileiras de manufaturados para os EUA foi baseada na utilizada por Hiratuka & Sarti (2009), porém aplicada para um período diferente e com outra finalidade. Serão utilizadas as bases do *Comtrade* e a classificação da *Standard International Trade Classification (SITC)* revisão 3 a três dígitos, agregação que engloba 260 produtos, sendo considerados nesse estudo somente os 179 manufaturados<sup>8</sup>, com abertura para os anos de 2000, 2004, 2008, 2012, 2015 e 2019. Essa seleção baseou-se na separação em intervalos de 3 a 4 anos, dado que o objetivo é analisar uma mudança de comportamento de característica mais estrutural, e para isso interessa mais uma visão de médio e longo prazo, e não ano contra ano. Os indicadores construídos e analisados estão brevemente descritos a seguir, sendo aprofundados nas seções seguintes.

**a) Índice de similaridade da estrutura de importação de manufaturados dos EUA de produtos oriundos da China e Brasil:** será analisado o valor do índice que indica a similaridade das estruturas de importação dos EUA de produtos oriundos do Brasil e da China ao longo dos anos 2000, 2004, 2008, 2012, 2015 e 2019 para entender se a pauta de exportações desses dois países para os EUA esteve mais parecida em algum momento – quanto maior a semelhança nas estruturas de importação, maior a tendência de uma competição acirrada;

**b) Grau de diversificação das importações de manufaturados dos EUA de produtos oriundos do Brasil e China:** será examinado o grau de diversificação das importações dos EUA de produtos oriundos do Brasil e China ao longo dos anos 2000, 2004,

---

<sup>8</sup> A classificação dos manufaturados foi baseada naquela proposta pelo *World Integrated Trade Solution (WITS)*, disponível nas referências.

2008, 2012, 2015 e 2019, para entender se houve concentração ou diversificação do Brasil e China – uma maior concentração em poucos produtos pode indicar sinais de ameaça concorrencial;

**c) Evolução do *market share* dos dois países nas importações de manufaturados dos EUA:** será feita uma análise por produto do *market share* de ambos os países, que depois será agregada numa visão geral. Na análise, cada produto será classificado em ameaça direta ou indireta, sendo que, uma ameaça direta pode estar ocorrendo quando, para um mesmo produto *i*, há queda de *market share* do Brasil e crescimento da China, já indireta quando os dois países possuem crescimento de *market share*, mas a China possui uma taxa de crescimento maior que o Brasil. Com ela, será possível entender qual percentual da pauta exportadora esteve ameaçado pela China ao longo do período.

É importante ressaltar de antemão a existência de algumas ressalvas nos indicadores que serão construídos. Em primeiro lugar, entende-se que não é possível estabelecer uma relação de causalidade direta entre o resultado dos indicadores e a ameaça concorrencial chinesa, dado que existem uma série de fatores externos que podem influenciar os resultados. Por isso, o objetivo será utilizar as análises dos indicadores para entender tendências gerais de comportamento, que irão reforçar ou enfraquecer evidências destacadas pela literatura, e, portanto, apontar para uma conclusão. Além disso, cabe reforçar que mesmo a análise sendo realizada em uma visão por produto, a partir da agregação de 3 dígitos do *SITC* – ou seja, o nível com maior especificidade por produto – não é possível garantir que a concorrência está necessariamente acontecendo em produtos semelhantes, dado que dentro de cada produto pode haver itens de qualidades e especificidades distintas, embora a classificação utilizada minimize esse efeito.

Na seção seguinte, serão analisados os dois primeiros indicadores – de similaridade e diversificação –, e na subsequente, o de *market share*. A combinação desses estudos irá, portanto, reforçar ou enfraquecer a hipótese de que houve um enfraquecimento das exportações de manufaturados para os EUA em detrimento do crescimento chinês.

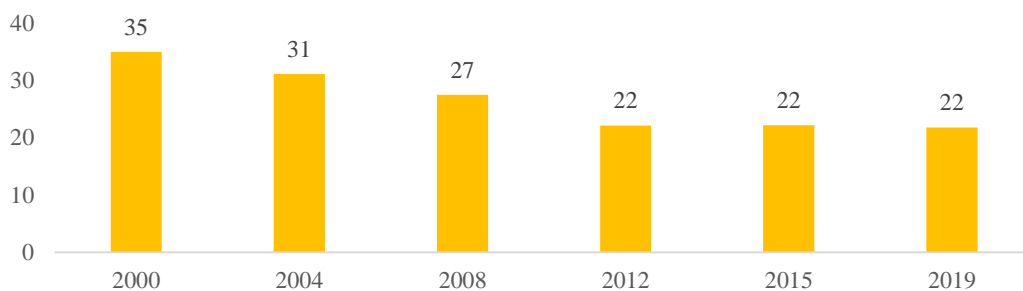
### **3.4 Análise de similaridade e grau de diversificação das importações norte-americanas provindas do Brasil e China**

Com o objetivo de investigar a similaridade das estruturas de importação de produtos oriundos do Brasil e da China por parte dos EUA, será feita a análise para o período selecionado e considerando como destino somente os Estados Unidos.

O indicador pode ser definido por:  $I_s = (1 - \frac{1}{2} * |\Sigma_{abrit} - \Sigma_{acnit}|) * 100$ , onde, para cada produto importado pelos EUA, abrit representa a participação das importações do produto i nas importações de produtos manufaturados do Brasil para os EUA no período, e acnit representa a participação do produto i nas importações de produtos manufaturados da China para os EUA no mesmo período.

Esse índice atinge valor 100 quando a estrutura das importações dos dois países for exatamente igual. Por outro lado, quanto mais próximo de 0, menor a semelhança em termos das estruturas de importações dos dois países. Portanto, quanto maior a similaridade das estruturas de importação, maior a tendência de uma competição acirrada entre os países exportadores para os EUA.

**Gráfico 10: Indicador de similaridade entre a pauta importadora do Brasil vs China para os EUA**



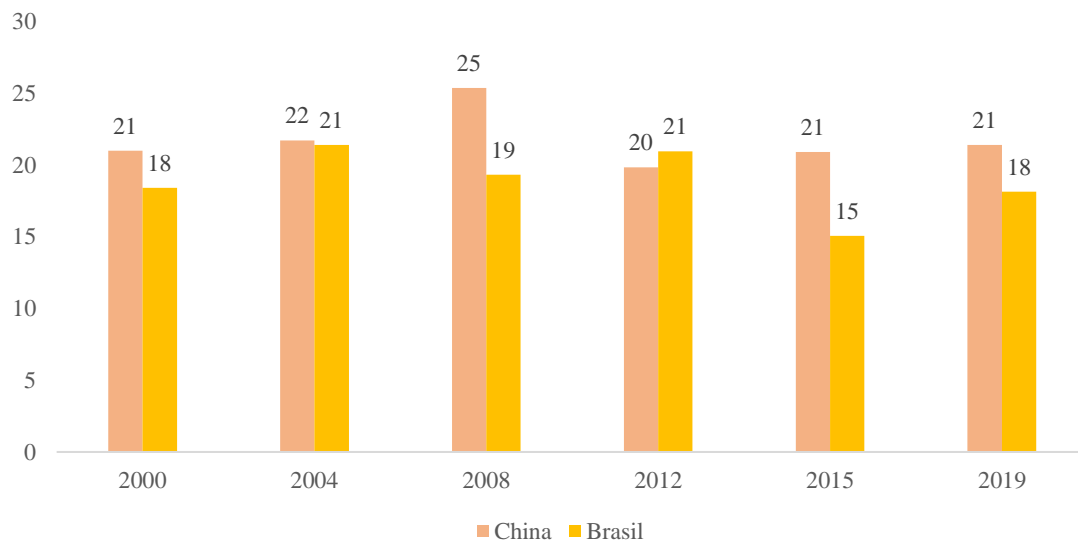
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

Ao analisar os resultados apresentados no Gráfico 10, percebe-se que a pauta exportadora de ambos os países era mais similar nos anos 2000, com nítida tendência de redução dessa similaridade até 2012, seguida por uma estagnação nos últimos 3 anos analisados. Tais dados, quando combinados com a curva de crescimento do *market share* de ambos os países no mercado de manufaturados dos EUA e com o índice de crescimento das importações chinesas e brasileiras de manufaturados para os EUA – Gráficos 8 e 9, respectivamente –, indicam que essa tendência de redução da similaridade da importação desses dois países para os EUA ocorreu ao mesmo tempo em que a China cresceu suas importações para os EUA em níveis muito maiores do que o Brasil e também ganhou mais *market share* do que o Brasil. Essa redução na similaridade, nesse sentido, pode apontar para alguns caminhos: por um lado, pode ser fruto de uma estratégia ativa de diversificação da pauta brasileira em relação à chinesa, pode ser não intencional, ou pode ser, de fato,

justificada por perdas de mercado de produtos brasileiros em detrimento dos chineses. Tal questão poderá ser melhor compreendida com o estudo dos demais indicadores.

Para complementar a análise, outro indicador que será analisado é o grau de diversificação das importações de cada país, o qual é medido pelo inverso do índice de Herfindhal-Hirschman =  $1/\sum ai^2$ , onde, nesse caso, ai representa a participação do produto i nas importações de produtos manufaturados dos EUA providas do Brasil e da China. Um índice igual a 1 representa concentração total e quanto maior o índice, maior o grau de diversificação da estrutura das importações.

**Gráfico 11: Grau de diversificação das importações dos EUA de produtos manufaturados providos do Brasil e China**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

Os resultados apresentados no Gráfico 11 indicam que, na maior parte dos anos, a China manteve uma estrutura de importação para os EUA mais diversificada do que o Brasil. Ao comparar 2008 com o ano 2000, é possível perceber que houve um crescimento da diversificação da China em uma escala mais significativa que a do Brasil. Mas, apesar disso, o gráfico parece apontar que, com exceção dessa maior diversificação em 2008, o grau de diversificação da China se manteve sem grandes oscilações. Um fenômeno parecido parece ter acontecido com o Brasil o qual, com exceção da queda brusca em 2015 e recuperação em 2019, oscilou em amplitudes bem pequenas. Em suma, o resultado da análise de diversificação não permitiu interpretações muito claras de correlação com a ameaça chinesa sobre importações de manufaturados brasileiras para os Estados Unidos.

Aliado a esse estudo, também foi feita uma análise da participação dos 10 principais produtos exportados do Brasil para os EUA ao longo dos anos, para entender se a participação desses *top 10* produtos aumentou ou diminuiu: um aumento indicaria uma maior concentração da pauta, e uma redução indicaria uma maior diversificação.

**Figura 2: Participação dos *top 10* produtos mais representativos na pauta importadora dos EUA de produtos brasileiros e chineses (%)**

Anos	Participação top 10 produtos brasileiros nas importações dos EUA de manufaturados brasileiros (%)	Participação top 10 produtos chineses nas importações dos EUA de manufaturados chineses (%)
2000	55%	52%
2004	52%	54%
2008	52%	49%
2012	55%	52%
2015	56%	50%
2019	53%	50%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

A Figura 2 acaba reforçando o resultado apresentado pelo grau de diversificação. Isso porque, no caso de ambos os países, não houve uma mudança significativa da representatividade desses principais produtos na pauta ao longo dos anos, o que indica que, apesar dos países terem mudado a composição desses 10 principais produtos exportados – isso porque os 10 principais produtos não se mantiveram os mesmos ao longo dos anos –, nenhum dos dois países parece ter se concentrado ou diversificado de maneira significativa.

### 3.5 Evolução do *market share* Brasil x China para os EUA

Conforme apontam Hiratuka & Sarti (2009), apesar de não ser possível afirmar uma relação causal totalmente direta, há indicação de ameaça concorrencial em dois casos: quando, para um mesmo produto, há queda de *market share* de um país e ganho do outro – ameaça direta –, e quando há crescimento de ambos os países, mas o crescimento de um é maior do que o do outro – ameaça indireta.

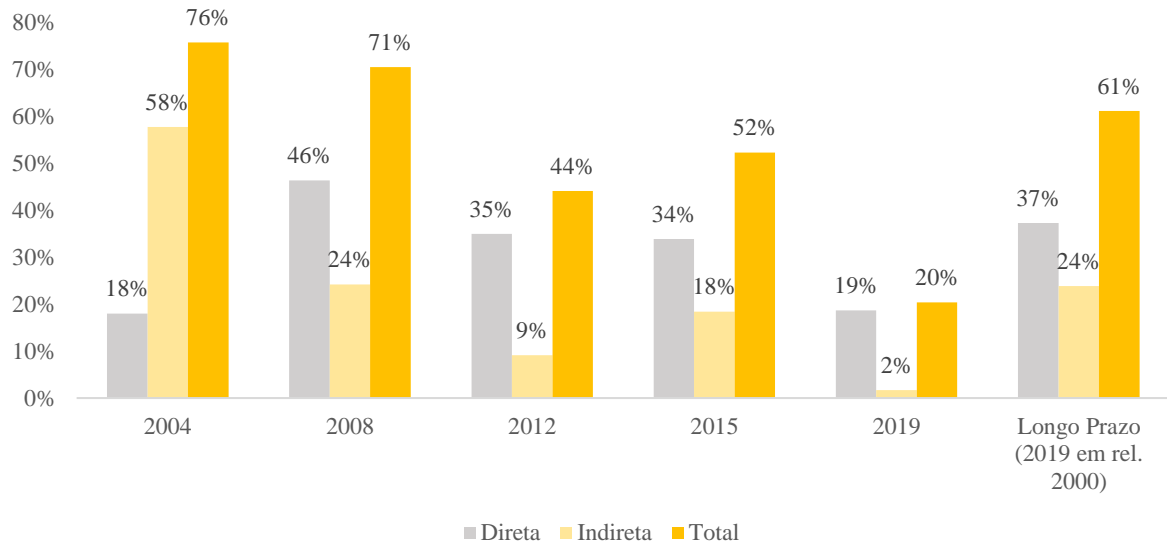
No caso analisado, a construção do indicador se deu da seguinte forma: cada produto manufaturado brasileiro exportado para os EUA será classificado em ameaça direta ou indireta considerando o critério citado entre os dois países em relação à China, para que se chegue no grau de ameaça chinesa aos produtos manufaturados brasileiros para os EUA no

período em questão (2000, 2004, 2008, 2012, 2015, 2019). O cálculo foi realizado, inicialmente, considerando a evolução em relação ao ano anterior da amostra: 2004 em relação a 2000, 2008 em relação a 2004, 2012 em relação a 2008, 2015 em relação a 2012 e 2019 em relação a 2015. Adicionalmente, em seguida, foi realizada uma análise considerando 2019 em relação a 2000, para que seja possível observar também sob uma ótica de mais longo prazo. Depois, foi feita uma agregação dos valores em US\$ importados desses produtos por tipo de ameaça em cada ano, para enxergar qual percentual do valor total dos manufaturados brasileiros importados para os EUA estava sob ameaça da China ao longo dos anos.

É importante fazer duas considerações, conforme sinalizam os autores: (i) no cálculo das taxas de crescimento, quando os países tinham *market share* igual a zero no ano inicial e valor diferente de zero no ano final, o valor inicial foi substituído por um valor positivo próximo de zero para que fosse possível visualizar o crescimento; e (ii) buscando analisar de forma conservadora, será apresentada também uma visão considerando apenas produtos em que o *market share* da China atingiu mais de 5% no período final, já que, em cenários em que a China parte de um montante pequeno, a taxa de crescimento pode ser muito elevada, mas o resultado final não muito significativo.

Os resultados do estudo do grau de ameaça da China aos produtos manufaturados brasileiros importados para os EUA estão representados nos Gráficos 12 e 13, sendo o primeiro o que considera todos os produtos e o segundo o mais conservador, em que estão refletidos somente produtos em que a China atingiu mais de 5% de *market share* no ano de comparação final.

**Gráfico 12: Percentual de ameaça chinesa aos produtos manufaturados brasileiros importados para os EUA (%) em relação ao ano anterior da amostra, considerando o total de produtos**

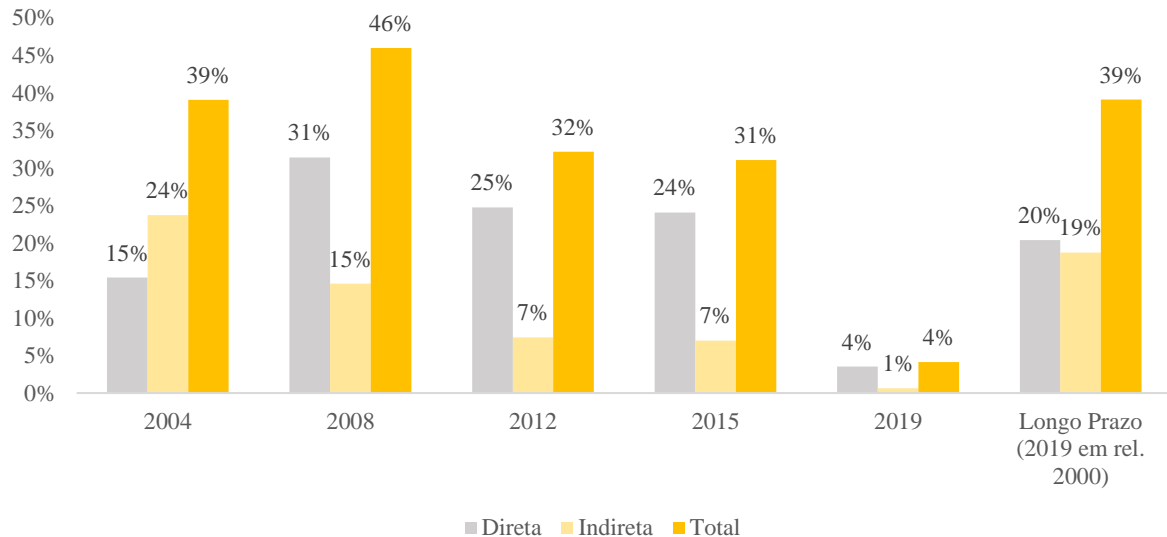


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

Apesar do Gráfico 11 refletir sempre percentuais maiores do que o 12, em ambos os casos é possível perceber que parcela expressiva da pauta exportadora brasileira para os EUA esteve comprometida com uma ameaça chinesa desde 2004 até 2015, com uma queda brusca apenas em 2019. Ao analisar, primeiramente, o Gráfico 11, percebe-se que o ápice se deu em 2004, em que 76% do valor exportado estava sob ameaça chinesa – 58% direta e 18% indireta. Apesar de ser possível perceber uma queda de 2015 para 2012, os valores ainda se mantêm significativamente altos até 2019. Além disso, o percentual de ameaça se considerado o longo prazo também se mostrou bem elevado: ao comparar 2019 com 2000, 61% do valor de manufaturas brasileiras exportadas para os EUA pode ser considerado ameaçado, sendo que 37% perderam espaço enquanto a China aumentou, e 24% cresceu a taxas mais lentas do que as chinesas.



**Gráfico 13: Percentual de ameaça chinesa aos produtos manufaturados brasileiros importados para os EUA (%) em relação ao ano anterior da amostra, considerando apenas produtos em que *market share* atingido pela China foi superior a 5%**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Comtrade*. (Acesso em fev. 2022)

O Gráfico 13 apresenta uma análise mais conservadora, mas os resultados observados também apontam para níveis significativos de ameaça ao longo de todo o período, à exceção, novamente, da queda observada em 2019. A queda observada no Gráfico 11, comparando 2012 ou 2015 em relação a 2004, por sua vez, não é tão forte no Gráfico 12. O valor ameaçado em 2015 é apenas 8 pontos percentuais menor do que em 2004. Análogo a isso, o percentual de ameaça considerando o longo prazo (2019 em relação a 2000), novamente, apresenta um valor bastante significativo, com 39% da pauta ameaçada, sendo 20% de forma direta. Tais resultados reforçam que, de fato, até antes de 2019, apesar de parecer ter sofrido certa redução em seu grau, parte significativa das exportações de manufaturados para os EUA estava sob ameaça da China.

Alguns exemplos de produtos ameaçados de forma direta podem ajudar a ilustrar um pouco do que parece ter acontecido. Vale ressaltar os casos de três produtos: ventiladores/filtros/bombas de gás; peças/acesso para veículos motorizados; e alumínio. Esses 3 grupos de produtos representavam em 2000 aproximadamente 10% das exportações de manufaturados do Brasil para os EUA. A análise da ameaça na visão longo prazo nos mostrou que o comportamento do *market share* brasileiro nesses produtos nas importações dos EUA teve uma redução de 79%, 69% e 53%, respectivamente, de 2000 para 2019 o que mostra uma significativa perda de mercado brasileira. Nesses mesmos produtos, o *market share* chinês

creceu 2, 9 e 12 vezes de 2000 para 2019 – com a ressalva de que no último caso partiu de um valor próximo a 0% e atingiu o *market share* de 4% no ano de 2019, enquanto nos demais atingiu percentuais mais significativos: 22% para os ventiladores/filtros/bombas de gás e 14% no caso de peças/acesso para veículos motorizados. No ano de 2019, esses 3 produtos, que em 2000 representavam por volta de 10% da pauta exportadora para os EUA, passaram a representar somente 3,8% da pauta.

Por outro lado, produtos como aço/agulhas de aço e álcool/fenóis/derivados apresentaram um caminho oposto. Esses eram produtos que, em 2000, representavam, respectivamente, 6% e 0,4% da pauta exportadora brasileira de manufaturados para os EUA e atingiram, em 2019, 14% e 5%, com o aço/agulhas de aço se tornando, inclusive, o segundo produto mais representativo na pauta. De 2000 para 2019, o *market share* do Brasil nos EUA cresceu 10 vezes no caso do aço e 2 vezes no caso do álcool. Do lado da China, percebe-se que esses produtos nunca foram relevantes na pauta exportadora do país para os EUA pois representam, juntos, por volta de 0,15% da pauta exportadora, oscilando bem pouco ao longo de todo o período.

Tais casos combinados ilustram algumas tendências de que, apesar de o Brasil não ter se diversificado ao longo do período, como apresentado pelo resultado do grau de diversificação na seção anterior, a ameaça direta e indireta que o país sofreu pela China parece ter repercutido em uma perda de mercado em determinados produtos manufaturados em que havia concorrência com o país asiático, que se repercutiu em uma redução da participação desses produtos na pauta brasileira. Por outro lado, essa redução do *market share* em alguns produtos parece ter sido compensada, em parte, por uma maior participação de outros os quais não havia uma concorrência forte com a China, o que repercutiu em uma similaridade menor da pauta desses dois países para os EUA, conforme apresentado pela análise desse indicador. Apesar disso, é importante lembrar a ressalva citada anteriormente de que, mesmo a concorrência acontecendo nos mesmos produtos, pode ser que os produtos ofertados por cada um dos países tenham particularidades distintas, não competindo diretamente em todos os casos.

De maneira geral, as análises apresentadas nesse capítulo permitem identificar a ocorrência dos seguintes pontos:

- a) estagnação de *market share* total brasileiro nas importações de manufaturados dos EUA *versus* um crescimento expressivo do *market share* total chinês (com queda significativa dos valores brasileiros após 2008 concomitante a um aumento chinês) (Gráfico 8).

- b) tendência bem próxima à estagnação também das importações de manufaturados brasileiros pelos EUA no período de 2012-2019 (com exceção da queda brusca observada após a crise de 2008) *versus* um crescimento acelerado das importações de manufaturados chinesas no mesmo período (Gráfico 9);
- c) redução na similaridade das estruturas de importação de manufaturados pelos EUA desses dois países no mesmo período (Gráfico 10);
- d) manutenção nos níveis de diversificação da pauta exportadora do Brasil para os EUA (Gráfico 11);
- e) significativa ameaça chinesa sobre os produtos manufaturados brasileiros importados pelos EUA até 2015 (visão curto prazo) e comparando 2019 com 2000 (visão longo prazo) (Gráficos 12 e 13);
- f) tendência de redução do percentual da ameaça chinesa ao longo dos anos, com queda brusca percebida em 2019 (Gráficos 11 e 12);

A combinação desses fatores, associada às evidências sinalizadas pela literatura, parecem reforçar a hipótese de que, ao longo do período, o Brasil foi ameaçado pela concorrência com produtos chineses.

Os pontos a) e b) permitem observar que, ao longo dos anos, o Brasil parece não ter sido capaz de desenvolver e impulsionar o crescimento das suas exportações de manufaturados para os EUA da mesma forma que a China conseguiu. Também evidenciam o impacto que a crise financeira global teve sobre os manufaturados brasileiros, reduzindo o valor exportado e o *market share*, e demandando uma recuperação que se perdurou, praticamente, por quase toda a década seguinte. Tal movimento, associado ao crescimento da participação dos produtos básicos nas exportações brasileiras, em todo o contexto internacional de *boom* das commodities do período, reforçam o movimento de regressão qualitativa que as exportações brasileiras sofreram, com os manufaturados e produtos de maior valor agregado perdendo força em uma economia cada vez mais dependente de recursos básicos.

As conclusões identificadas nos pontos seguintes parecem indicar um pouco de como a China pode ter ameaçado o Brasil. É possível identificar que, em determinado momento, havia grande concorrência entre esses países nos mesmos grupos de produtos, com parte significativa da pauta exportadora de manufaturados brasileira aos EUA ameaçada pela concorrência chinesa. Tal nível foi decrescendo – com certa lentidão – ao longo dos anos, e as estruturas de importação de ambos os países foram tornando-se menos parecidas, ao passo

que a China aumentava seu valor exportado e seu *market share* com os manufaturados aos EUA a taxas altas e o Brasil mantinha-se próximo da estagnação.

Nesse sentido, a combinação dos seguintes fatores: a mudança na similaridade das estruturas de exportação desses países aos EUA (item c), a redução da ameaça ao longo dos anos (item f); a não concentração da pauta exportadora brasileira nesse período (item d) e a análise individual de apresentada de produtos como aço e álcool, parecem indicar que o Brasil passou a exportar mais produtos que não exportava antes para os EUA para se diferenciar da pauta chinesa, seja em um movimento forçado pela perda de mercado ou em uma estratégia ativa de diversificação.

Apesar desses pontos, também fica nítida a mudança significativa percebida em 2019, com uma redução brusca de todos os tipos de ameaça sofridos pelos produtos manufaturados brasileiros. Também é possível perceber que, nesse mesmo ano, há uma queda bastante perceptível no *market share* e índice de crescimento chinês das exportações de manufaturados aos EUA. Um ponto importante de ser sinalizado aqui, portanto, é que os anos de 2018 e 2019 foram anos marcados pela intensificação da guerra comercial entre Estados Unidos e China.

A disputa comercial que se intensificou em 2018 e 2019, conforme sinalizado por Pereira (2019), envolvia quatro investigações amparadas na legislação do comércio exterior dos EUA, com a principal delas envolvendo o tema de propriedade intelectual. A motivação central da guerra, portanto, envolvia tensões no campo da liderança tecnológica, e isso se repercutiu em retaliações comerciais aplicadas pelos EUA, com respostas por parte da China.

Em setembro de 2018, os EUA impuseram tarifas de 10% sobre US\$200 bilhões das importações chinesas, e a China de 10% sobre US\$60 bilhões de importações dos EUA. Após um período de trégua até abril de 2019, em maio de 2019 os EUA decidem elevar as tarifas para 25% sobre produtos que somam US\$200 bilhões das importações chinesas (PEREIRA, 2019). Tal questão, associada ao cenário apresentado pelos gráficos, parece apontar para uma possibilidade de a guerra comercial ser um dos fatores que ocasionou essa redução do *market share* chinês e da ameaça concorrencial ao Brasil enxergado em 2019.

Apesar disso, é importante ponderar que, embora os indicadores aqui apresentados indiquem algumas conclusões supracitadas, as limitações já comentadas na metodologia deixam alguns pontos inconclusivos. Sendo assim, em trabalhos futuros, é interessante explorar e aprofundar alguns desses itens para comprová-los – sendo um deles, por exemplo, os impactos da guerra comercial nessas exportações de manufaturados de ambos os países – para que seja possível realizar afirmações mais assertivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações teóricas de Prebisch, analisadas por Medeiros e Serrano, permitiram esclarecer a relevância central que as exportações, e em especial as de manufaturados, possuem para a economia de um país. Seu papel em elevar a capacidade de importar e ser a principal fonte de financiamento do passivo externo fazem com que a exportação seja o meio mais sustentável pelo qual os países conseguem se libertar das restrições externas. Em termos estruturais, isso significa que compor a pauta exportadora com produtos manufaturados é essencial para elevar a elasticidade-renda das exportações e com isso permitir que países elevem suas taxas de crescimento em relação a seus parceiros comerciais.

O mercado de manufaturados mundial foi enormemente afetado pelas transformações provocadas pela ascensão chinesa no comércio internacional. A abertura econômica do país asiático gerou efeitos distintos sobre os países do mundo, uma vez que a China se consolidou como um duplo polo: de um lado, forte exportador de manufaturas, principalmente intensivas em mão de obra; do outro, grande importador para países produtores de matérias-primas, máquinas e equipamentos.

Do lado dos países afetados, principalmente os latino-americanos, existiram uma série de novas oportunidades e desafios, a depender das características da nação em questão. Para os produtores de recursos naturais e *commodities*, o país asiático foi um “*trade angel*”: o efeito estrutura chinês – através da sua forte demanda por matérias-primas e bens de capital – e os seus efeitos sobre fatores como os preços das *commodities* beneficiaram a economia desses países e contribuíram para períodos de alívio no balanço de pagamentos. Os países produtores de manufaturas, por outro lado, sofreram com um mercado que foi inundado pelos produtos *Made in China*, sendo ameaçados pelas vantagens competitivas e, em muitos casos, perdendo *market share*. Esse último efeito substitutivo foi, inclusive, agravado após a crise de 2008, quando houve uma intensificação na estratégia asiática de elevar sua presença na periferia capitalista, aumentando sua participação nos mercados latino-americanos.

O Brasil, ao se encontrar em uma posição intermediária – já que combina forte produção e exportação tanto de bens primários como de bens manufaturados – experimentou ambas as consequências. Diversos estudiosos irão ressaltar que, ao passo que a emergência da China beneficiou a economia brasileira via elevação da demanda e dos preços de recursos naturais e *commodities*, também se traduziu em novos obstáculos, sentidos principalmente na indústria de manufaturados brasileira, que passou a ter que competir com o gigante asiático.

Diversas evidências foram sinalizadas pela literatura no que diz respeito a essa ameaça concorrencial que a China gerou no mercado de manufaturas brasileiro no período analisado

(2000-2019). Autores irão ressaltar a mudança que pode ser observada no perfil de exportações brasileiras ao longo do período, experimentando uma queda na participação de produtos mais intensivos em tecnologia, com uma relevância cada vez maior dos produtos básicos, enquanto a China segue por um caminho oposto, exportando manufaturas cada vez mais sofisticadas e optando por importar recursos com baixo grau de processamento.

A análise dos dados realizada neste trabalho permitiu aprofundar tais indicativos da literatura. Em uma primeira análise, já foi possível perceber fortes sinais de ameaça, ao comparar a tendência à estagnação do *market share* total brasileiro nas importações de manufaturados dos EUA, que chega a cair 0,1 pontos percentuais de 2000 para 2019, com o crescimento expressivo do *market share* total chinês que quase triplica de 10% para 27% de 2000 para 2017. Da mesma forma, o valor das exportações para os EUA também acompanha esse comportamento, com um crescimento acelerado chinês *versus* uma tendência próxima à estagnação do Brasil. Ambos os indicadores – *market share* e valor exportado – também demonstram queda significativa após 2008 para o caso brasileiro, reforçando o impacto da crise financeira global.

Tais dados foram aprofundados com a construção de indicadores, como o grau de ameaça direta e indireta, em que foi possível perceber que em todos os anos apresentados de 2004 até 2015, percentuais significativos da pauta exportadora de manufaturas brasileira estiveram comprometidos com uma ameaça direta ou indireta da China. Apesar disso, o indicador também aponta para certa tendência de redução dessa ameaça ao longo dos anos, que, associada à mudança na similaridade das estruturas de exportação desses países aos EUA e ao fato de que não houve uma concentração da pauta exportadora brasileira nesse período, parecem confirmar que o Brasil, de fato, perdeu mercado em determinados setores para a China e passou a exportar mais produtos que não exportava antes para os EUA para se diferenciar da pauta chinesa, seja em um movimento forçado ou em uma estratégia ativa de diversificação.

Cabe ressaltar, entretanto, que o grau de ameaça só vai atingir percentuais mais baixos em 2019, quando há uma redução brusca de todos os tipos de ameaça sofridos pelos produtos manufaturados brasileiros. O impacto da guerra comercial entre China e EUA, nesse sentido, parece ter sido um dos fatores responsáveis por essa transformação recente, sendo um importante tópico para ser analisado em trabalhos futuros.

De maneira geral, evidencia-se que os caminhos das exportações de manufaturados brasileiras apontam para um grande alerta: a redução da participação desses bens paralelamente à maior relevância de produtos com baixo valor agregado nas exportações

brasileiras não só indica uma baixa competitividade das manufaturas brasileiras, mas também aponta para dificuldades em enfrentar, no longo prazo, o grande obstáculo das restrições externas. Caso o país não busque estratégias de desenvolvimento de suas exportações de manufaturados ou meios sustentáveis de financiamento de seu passivo externo, há uma forte tendência ressaltada pela literatura de que, no longo prazo, a capacidade de importar do Brasil seja comprimida, e esse cenário se traduza em uma grande barreira ao crescimento da economia brasileira.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, J. C.; AZEVEDO, J. P. W. El TLC y las pérdidas de mercado de Brasil en los Estados Unidos: 1992-2001. **Revista de la CEPAL**, n. 78, p. 167-182, dic. 2002. Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/10858/1/078167182\\_es.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/10858/1/078167182_es.pdf). Acesso em: 30 jan. 2022.

BEKERMAN, M.; DULCICH, F.; Y MONCAUT, N. La emergencia de China y su impacto en las relaciones comerciales entre Argentina y Brasil. **Problemas del Desarrollo**, 176, México D.F, 2014.

BUSATO, M. I. **Crescimento econômico e restrição externa**: um modelo de simulação pós-keynesiano. 2011. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BREDOW, S. M. S.; LÉLIS, M, T. C.; FRANKE, L.; CUNHA, A. M. A Alta nos Preços de *Commodities* nos Anos 2000 contribuiu para as Exportações Brasileiras de Manufaturados? Uma Avaliação Empírica para Parceiros Seleccionados. **46º Encontro Nacional de Economia – ANPEC**, 2018. Disponível em: [https://www.anpec.org.br/encontro/2018/submissao/files\\_I/](https://www.anpec.org.br/encontro/2018/submissao/files_I/). Acesso em: 13 fev. 2022.

CARMO, A. S. S.; BITTENCOURT, M. V. L.; RAIHER, A. P. A competitividade das exportações do Brasil e da China para o Mercosul: evidências para o período 1995-2009. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 587-607, 2014. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/1860/1477>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CEPAL. **The People’s Republic of China and Latin America and the Caribbean**. Dialogue and cooperation for the new challenges of the global economy, Chile: UN Publications, 2012. Disponível em: <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/8/48138/ChinayALCdialogo.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CEPAL. **Latin America and the Caribbean exports to the United States**: Analysis of the competition with China and other regions at product level, 2002-2018. Chile: UN Publications, 2021. Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/47058/4/S2100422\\_en.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/47058/4/S2100422_en.pdf). Acesso em: 13 fev. 2022.

COSTA, K. G. V.; CASTILHO, M. R.; TORRACA, J. “Desempenho e perspectivas das exportações brasileiras de produtos manufaturados – perfil e perda de mercado do Brasil na América Latina”. **440 Encontro Nacional de Economia**, 2016.

COUTO, J. M. O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch. **Economia e Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 45–64, 2007.

CUNHA, A. M. et al. A intensidade tecnológica das exportações brasileiras no ciclo recente de alta nos preços das *commodities*. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 39, p. 47-70, 2011.



CUNHA, A. M.; LÉLIS, M. T. C.; BICHARA, J. S. O Brasil no espelho da China: tendências para o período pós crise financeira global. **Revista de Economia Contemporânea**, 16(2), p. 208-236, 2012.

DÁVILA-FERNÁNDEZ, M.; AMADO, A. Entre a lei de Thirlwall e a hipótese Prebisch-Singer: uma avaliação da dinâmica dos termos de troca em um modelo de crescimento com restrição no Balanço de Pagamentos. **Economia e Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 87–119, 2015.

DORNBUSCH, Rudiger; STARTZ, Richard; FISCHER, Stanley. **Macroeconomia**. 11 ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

FILGUEIRAS, M.; KUME, H. **A competitividade do Brasil e da China no mercado norte-americano: 2000-2008**. Brasília: Ipea, 2010. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1501.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1501.pdf). Acesso em: 30 jan. 2022.

FREITAS, F., DE MEDEIROS, C. A., AND SERRANO, F. Regimes de política econômica e o descolamento da tendência de crescimento dos países em desenvolvimento nos anos 2000; **Dimensões estratégicas do desenvolvimento brasileiro. Continuidade e mudança no cenário global: desafios à inserção do Brasil**; p. 17–46, 2016.

IEDI - INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO. Exportação de manufaturados: Concorrência China x Brasil. **Carta IEDI**, Edição 769. Publicado em: 20/01/2017.

IEDI - INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO. Exportações de manufaturados: Brasil em rota declinante. **Carta IEDI**, Edição 1058. Publicado em: 29/01/2021.

LALL, S.; WEISS, J. “China and Latin America: Trade competition 1990-2002”. In Santiso, J. (ed.) **The Visible Hand of China in Latin America**. Paris: OECD, 2007.

MC COMBIE, J.S.L.; THIRWALL, A. P. Economic Growth and the Balance-of-Payments Constraint in Latin America. **Investigación Económica**, v. 63, n. 247, p. 45–74, 2004.

MEDEIROS, C. A. A. China como um Duplo Polo na Economia Mundial e a Recentralização Asiática. **Revista de Economia Política**, v. 26, nº3 (103), p. 381-401, 2006.

MEDEIROS, C. A. Estrutura produtiva e crescimento econômico em economias em desenvolvimento. **Economia e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 569–598, 2016.

MEDEIROS, C. A.; CINTRA, M. R. V. P. Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. **Revista de Economia Política**, v. 35, nº1, pp. 28–42, 2015.

MEDEIROS, C. A.; SERRANO, F. Inserção Externa, Exportações e Crescimento no Brasil. in: Fiori, J. L.; Medeiros, C. (Org.). **Polarização Mundial e Crescimento**. Petrópolis, Vozes, 2001.

MOREIRA, M. M. O desafio chinês e a indústria na América Latina. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 72, p. 21–38, 2005.

OLIVEIRA, G. C. “O estado e a inserção ativa na economia: a estratégia de desenvolvimento econômico da China”. **Revista de Economia UFPR**, v. 34, n.3 (ano 32) pp. 61-88, setembro-dezembro de 2008. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

PINTO, E.; CINTRA, M. América latina y China en el siglo XXI: complementariedades y rivalidades. **Revista Voces en el Fenix**, v. 26, p. 86-95, 2013.

PREBISCH, R. “El Desarrollo Económico de la América Latina y algunos de sus Principales Problemas,”. **Cincuenta Años de Pensamiento en la CEPAL – Textos Seleccionados**, Vol. 1. Santiago: CEPAL, 1998.

PREBISCH, R. “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais”. **Cinquenta anos de pensamento na Cepal**. Rio de Janeiro, Record, 2000, v. 1, p. 78, 1949.

PREBISCH, R. “Problemas Teóricos y Prácticos del Crecimiento Económico” em Adolfo Gurrieri (org.) **La Obra de Prebisch en la Cepal**, Lecturas, Fondo de Cultura Económica, 1982, México Adolfo Gurrieri, 1952.

SANTISO, J.; BLAZQUEZ-LIDOY, J.; RODRIGUEZ, J. Angel or Devil? China’s Trade Impacto n Latin American Emerging Markets. In Santiso, J. (ed.) **The Visible Hand of China in Latin America**. Paris: OCDE, 2007.

SARTI, F.; HIRATUKA, C. Ameaça das exportações chinesas nos mercados de exportações de manufaturados do Brasil. In: CONGRESSO DE ECONOMIA POLÍTICA, 13., 2009, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo, 2009.

SERRANO, F. A mudança na tendência dos preços das *commodities* nos anos 2000: aspectos estruturais. **Oikos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 168-198, 2013. Disponível em: <http://www.revistaokos.org/seer/index.php/oikos/article/viewArticle/345>. Acesso em: 13 fev. 2022.

**World International Trade Solutions (WITS):** Reference Data - SITC Standard Product Groups; Manufactures. Disponível em: WITS – Reference Data for Products, Country and Miscellaneous ([worldbank.org](http://worldbank.org)) Acesso em: 02 fev. 2022.

VALLS, L. Avanços e recuos na guerra comercial Estados Unidos e China. **Revista Conjuntura Econômica**, v. 73, n. 6, p. 60–65, 2019.